

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

ADRIANO CARLOS NUNES FERNANDES

Turismo e Memória pela História Oral sobre viagens idosos LGBTQ+

São Paulo
2022

ADRIANO CARLOS NUNES FERNANDES

Turismo e Memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBTQ+

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Turismo.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 20 de setembro de 2022. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Desenvolvimento do Turismo.

Orientador:
Prof. Dr. Edegar Luis Tomazzoni

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Nunes Fernandes, Adriano Carlos
Turismo e Memória pela História Oral sobre viagens
dos idosos LGBTQ+ / Adriano Carlos Nunes Fernandes;
orientador, Edegar Luís Tomazzoni. -- São Paulo,
2022.

88 p: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de
Pós-Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022.
Versão corrigida

1. Turismo LGBTQ+. 2. História Oral. 3. LGBTQ+. 4.
Velhices lgbt+. I. Tomazzoni, Edegar Luís, orient.
II. Título.

Nome: FERNANDES, Adriano Carlos Nunes

Título: Turismo e Memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBTQ+

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Área de Concentração: Desenvolvimento do Turismo.

Aprovado em: 20 /09/2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edegar Luis Tomazzoni
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Reinaldo Pacheco
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning
Universidade Federal de Goiás

Dedico essa Dissertação de Mestrado a todes idoses LGBT50+ que participaram voluntariamente com seus relatos e memórias fomentando a resistência de nossas vivências no Turismo.

Agradecimentos

No período mais desafiador para nossa humanidade para o enfrentamento de uma pandemia de Covid-19, fora os anos para o meu mestrado, que com muita resistência, persistência, estudos e dedicação plena, só foi possível, graças ao apoio de muitas pessoas que foram fundamentais para a realização desse sonho. Por isso, deixo escrito aqui, meus sinceros agradecimentos como registro de suas colaborações neste processo.

Primeiramente agradeço aos meus pais, José Ilo e Claudenice, minhas irmãs Adriana, Adriene e Camilla, sobrinhas e sobrinhos, em especial minhas afilhadas Maria Eduarda e Maria Júlia, por me compreenderem e amarem incondicionalmente como um homem nordestino, gordo e homossexual. Obrigado por me ensinarem a não me curvar perante uma sociedade LGBTfóbica, a ser sincero e preservar meus valores pessoais. A vocês minha família, sou grato por tudo que sou e tenho.

Minha gratidão especial ao meu companheiro, amor e desejo Marcelo Minici, com quem sempre compartilho prazer, felicidade, pensamentos e minha vida. Tudo fica mais fácil e leve com teu apoio incondicional.

Muito obrigado também, ao meu cachorro Valentin, por lambe minhas lágrimas e me forçar a caminhar todos os dias, me proporcionando vários *insights*.

Às minhas amigas, Renata Mota, que foi sempre minha tutora nos estudos de sexualidade e gênero e segue sendo, uma irmã de coração, nos dias de glórias e lutas nesta vida terrena e a Janaína Costa, por ter me convencido a tentar o Mestrado em Turismo.

Obrigado também ao meu amigo Ademilson Damasceno, por me escutar, aconselhar e principalmente acalantar minhas inseguranças na escrita acadêmica, ao professor Marcelo Heiller, por me ensinar Foucault e suas contribuições e em especial ao presidente da ONG Eternamente Sou, Luís Baron, por permitir, facilitar e apoiar a pesquisa na instituição.

Quero também agradecer ao meu Orientador, professor Dr. Edegar Tomazzoni, por acreditar e incentivar o tema da pesquisa, por sempre ficar ao meu lado depositando sua confiança em mim, ao Professor Dr. Alexandre Panosso Netto, por contribuir com seus pensamentos, aos meus amigos de jornada acadêmica Milena Manhães, Rita Gabriela, Renato Oliveira, Ivan, João Praia por todas conversas, produções e apoio.

Muito obrigado aos professores da banca de Qualificação e Defesa de Mestrado, professor Dr Marcelo Vilela, Dr. Reinaldo Pacheco e Dr. Carlos Eduardo Henning, por suas contribuições, conselhos e sugestões para esta dissertação.

Obrigado a Ciência que em tão pouco tempo pode desenvolver e distribuir a vacina no mundo, me permitindo sobreviver.

Por fim, o agradecimento mais importante: agradeço a mim mesmo, por acreditar que eu seja uma Centelha Divina, e assim me permitir a sentir fé para eu ter a força necessária para enfrentar todos obstáculos, sem nunca desistir.

“Los viajes son en la juventud una parte de educación y, en la vejez, una parte de experiencia” (FRANCIS, Bacon).

RESUMO

FERNANDES, Adriano Carlos Nunes. **Turismo: Memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBT+**. 2022. 90 f. Dissertação (Mestrado em Turismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022. Versão Original.

A pesquisa aqui apresentada sobre o turista idoso LGBT+ inicia-se após observações realizadas durante a atuação na área de relacionamento do Regime Próprio Previdenciário Estadual de São Paulo (SPPREV). Neste período, notaram-se quão distantes estão as políticas públicas destinadas às pessoas idosas de suas reais necessidades, principalmente quando estes fazem parte do grupo de pessoas LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais possibilidades de gêneros e sexualidades). Estima-se que no Brasil em 2050, haverá uma maior porção da população formada por idosos, e independente dos avanços ou retrocessos das leis vigentes, esse público LGBT+ terá envelhecido também. Deste modo, a pesquisa tem como objetivo principal analisar as experiências de viagens, por meio dos relatos dos turistas idosos LGBT+, público este assistido pela ONG Eternamente Sou, o primeiro Centro de referência e Convivência de idosos LGBT+ no país, e identificar aspectos relacionados à sexualidade destes idosos, suas memórias em relação ao turismo e seus anseios. O referencial teórico estruturou-se a partir destes três temas principais pelas lentes das Ciências Sociais, Turismo e Humanas. Para tanto, a metodologia selecionada utilizou técnicas de abordagem qualitativa, com o tipo de pesquisa descritivo-exploratória e como meio de análise das informações coletadas durante as entrevistas estruturadas, a história oral. Os resultados obtidos permitiram concluir que esta pesquisa contribui com a questão no qual o conhecimento sobre este público no turismo está se estruturando e que trata da relação entre as memórias dos idosos LGBT+ e suas viagens e que há uma perspectiva das políticas públicas para o incentivo ao turismo deste nicho permitindo atravessamentos que dialoguem a favor de um turismo mais inclusivo na produção científica brasileira. Portanto, este trabalho demonstra ser um importante cenário para a realização, continuidade e aprofundamento de novas pesquisas que abordem questões sobre a sexualidade, os anseios e as memórias do público idoso LGBT+ e que conseqüentemente perpassam pelos conhecimentos do turismo como uma ferramenta para formulação de propostas para este segmento.

Palavras-chave: Turismo LGBT+. História Oral. LGBT+. Velhices LGBT+.

ABSTRACT

FERNANDES, Adriano Carlos Nunes. **Tourism: Memories about LGBT+ elderly travels through Oral History**. 2022. 90 f. Dissertation (Master's in Tourism, Postgraduate Program in Tourism) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, 2022. Original Version.

The studies on the LGBT+ senior population presented in this research began after observations made while working in the relationship management area of the Social Security Regime of the State of São Paulo (SPPREV). During this period, it was noticed how distant the public policies aimed at the elderly were and still are from their real needs, especially when they are part of the group of LGBT+ people (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals, and more possibilities of genders and sexualities). It is estimated that by 2050 in Brazil, there will be a greater portion of the population formed by seniors, and regardless of the advances or setbacks of current laws, this LGBT+ population will also have aged. This research has as its main objective to analyze the travel experiences of LGBT+ elderly tourists from an audience that is assisted by the ONG Eternamente Sou, the first Reference and Coexistence Center for LGBT+ elderly people in the country, and to identify aspects related to the sexuality of these seniors, their memories in relation to tourism and their anxieties. The theoretical framework was structured around these three main themes through the lens of social sciences, tourism, and the humanities. The selected methodology used qualitative research approach techniques with the type of descriptive-exploratory research and as a means of analyzing the information collected during the structured interviews known as oral history. The results obtained allowed us to conclude that this research contributes to the question in which knowledge about this public in tourism is being structured and that deals with the relationship between the memories of LGBT+ elderly people and their travels and that there is a perspective of public policies to encourage tourism in this niche, allowing crossings that dialogue in favor of a more inclusive tourism in Brazilian scientific production it deals with the relationship between the memories of LGBT+ elderly people and their travels. Therefore, this work proves to be an important scenario for the realization, continuity, and deepening of new research that addresses questions about sexuality, desires, and memories of the LGBT+ elderly public and that consequently permeates the knowledge of tourism as a tool for formulating proposals for this segment.

Keywords: Tourism LGBT+. Oral History. LGBT+. LGBT+ Old Age

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aproveitamento do tempo livre dos idosos.....	38
Figura 2 – Anseios dos idosos.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADO	Ação direta por inconstitucionalidade por Omissão
ANTRA	Associação de Travestis e Transexuais
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais possibilidades de Gênero
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização Nacional Unida
SPPREV	São Paulo Previdência
STF	Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. ENTRE VIAGENS E MEMÓRIAS DO PÚBLICO IDOSO LGBT+.....	18
2.1 O desembarque da sexualidade no Brasil: notas críticas.....	18
2.2 Envelhecimento LGBT+ e Memória	24
2.3 Turismo LGBT+.....	30
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	37
4.1 Saindo do armário: sexualidade, memória e narrativas de viagens.....	39
4.2 Os anseios como direcionamento para o turismo idoso LGBT+.....	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE A – Anuência da pesquisa da ONG Eternamente Sou.....	84
APÊNDICE B – Termo de Consentimento livre e esclarecido elaborado para o público idoso LGBT+.....	85
APÊNDICE C – Marcadores para as entrevistas da pesquisa.....	88

1. INTRODUÇÃO

A trajetória desta pesquisa inicia-se após uma década de atuação na área de relacionamento do Regime Próprio Previdenciário Estadual de São Paulo (SPPREV), onde foram exercidos diversos atendimentos no canal de relacionamento com aposentados do Estado. Durante esse período observou-se o quão distante são as políticas públicas destinadas às pessoas idosas, principalmente quando estas fazem parte do grupo de pessoas LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais possibilidades de gêneros e sexualidades).

No ano de 2017, a ONG “Eternamente Sou” localizada na cidade de São Paulo, foi a pioneira na atuação em prol das pessoas idosas que fazem parte do grupo: Velhices LGBTQ+, criando assim, o primeiro Centro de Referência e Convivência no Brasil, promovendo atividades psicossociais e multidisciplinares para a inclusão e conseqüentemente trazendo à luz a questão da velhice mais ativa.

Dessa maneira, observou-se a importância de identificar o direito que uma pessoa idosa que se enquadra neste grupo (LGBTQ+) tem, dando-lhe o espaço onde possa desenvolver uma intimidade plena para que sua vida pública não seja negada. Nota-se ainda que as estatísticas referentes a longevidade da população LGBTQ+ no Brasil, apontam para um maior crescimento populacional nas próximas décadas. Por isso é preciso entender novas formas de participação e produção de lazer específico para este grupo. Em atenção ao exposto, neste parágrafo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) estima que até o ano de “[...] 2060 um quarto da população (25,5%) deverá ter mais de 65 anos. Nesse mesmo ano, o país terá 67,2 indivíduos com menos de 15 e acima dos 65 anos para cada grupo de 100 pessoas em idade de trabalhar (15 a 64 anos)” conforme cita (IBGE, 2018).

Segundo estatísticas citadas anteriormente, nota-se que o público LGBTQ+ tem uma expectativa de vida menor decorrente de uma maior exposição à violência por conta de tradições e preconceitos inculcados na sociedade. Dessa forma, observa-se no contexto da pesquisa que alguns elementos se tornam mais relevantes para a escolha de destinos turísticos como a segurança, por exemplo. Para isso o público estudado traz muitas discussões em virtude de sua dissidência das normas tradicionais ou estabelecidas, uma vez que entendê-los é a melhor forma de identificar os principais elementos que proporcionarão a inserção de um serviço no mercado turístico.

Nesse contexto é preciso entender novas formas de participação e produção de um turismo para o grupo LGBTQ+ a partir de contribuições teóricas da Antropologia, conforme os

autores Bosi (1994) e Henning (2017). Considerando que o público analisado na pesquisa, segundo o estudo da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) tem uma expectativa de vida menor decorrente da maior exposição da violência:

Em 2020 foram registradas 77 tentativas de homicídios em relação à população trans no país. A importância de catalogar esses dados se deve à necessidade de que as pessoas, sobreviventes, no futuro, possam informar o motivo real do crime e sua ligação com a questão da transfobia no país (ANTRA, 2020, p.69).

A explanação acima aponta que em razão das tradições e preconceitos incutidos na sociedade, a velhice pode ser considerada a partir dos 50 anos, diferente da tradicional dita pelo Ministério da Saúde no Brasil, constando a faixa etária dos 60 anos como uma “[...] uma pessoa considerada idosa com 60 anos ou mais. Em países desenvolvidos, o número de referências pode chegar aos 65 anos”, segundo dados do Pacto pela Saúde (2006, p. 20).

O fator da velhice no grupo LGBTQ+ associado ao conceito da pessoa ser considerada idosa com 50 anos, veio de estudos estatísticos que apontam a expectativa de vida ser menor que outra pessoa que não faz parte desse contexto, por meio do ANTRA, como de outras associações e ONGs, culturalmente o apreço e a valorização desse público estudado é mais jovem.

Apesar de uma cultura hostil à diversidade de gênero, o Brasil tem um desempenho mais significativo nesse segmento e sai um pouco melhor entre os destinos preferidos desse público¹. O resultado aponta ainda, que apesar dos riscos envolvidos, o arcabouço turístico mostra-se atraente e que um maior foco do poder público em sanar esses problemas, poderá trazer ganhos em um curto período.

No imaginário internacional, o Brasil era visto como um país acolhedor, de vasto território, com diversas opções de paisagens naturais, razoavelmente bem preservadas, com um calendário anual de atividades festivas próprios, de uma cultura latina, destacando-se a Parada pela Diversidade em São Paulo², como a segunda maior do mundo

¹ Sobre o assunto, Jorge Barros comenta: “os ganhos para a indústria são pautas recorrentes e para dar três exemplos, citamos o aumento da expectativa de vida, que tem ampliado o número de viagens da chamada idade, o alto tíquete médio do turismo LGBTQ+ e o poder multiplicador do pcd que raramente viaja sozinho. Então só nos resta a dúvida: por que o turismo não é totalmente inclusivo? IN:<https://barsilturis.com.br/por-que-precisamos-falar-de-diversidade-e-inclusao-no-turismo/>

² Criada em 1997, uma passeata que percorreu a avenida Paulista a Praça da República e tem como objetivo dar visibilidade às categorias sócio-sexuais e fomentar a criação de políticas públicas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, sendo também um momento de celebração pelas conquistas alcançadas. IN: <https://paradasp.wordpress.com/parada>

Apesar das informações apresentadas, nota-se que o Brasil ainda é um país conservador, inclinado por uma postura mais reacionária, aos avanços obtidos pela população supracitada. Segundo a ANTRA (2020) o Brasil se coloca nas primeiras posições em assassinatos de população trans, tanto em números absolutos como relativos. Tais eventos, são ainda mais difíceis de se tabular em relação às outras letras da sigla LGBTQ+, por vezes não denunciadas como a motivação por LGBTQfobia, sendo este dado uma média do cenário violento para os integrantes desta comunidade.

O Brasil plural vislumbrava uma maior inclusão de grupos historicamente oprimidos após a redemocratização e a elaboração da Carta Magna do Brasil (1988), com uma sociedade pautada por uma nova noção de desenvolvimento sem a histórica desigualdade social de que lhe é característica. Como exemplos de reformas que afetam diretamente esse público, temos em 2019, por ADO (26) do Supremo Tribunal Federal (STF), que enquadra homofobia e transfobia em crime pela Lei do Racismo.

Apesar dos inegáveis avanços jurídicos tais medidas podem não ter sido suficientes para uma melhor perspectiva de vida da população LGBTQ+, pois as estatísticas de violência contra esses grupos ainda são muito expressivas, denotando um longo caminho a ser percorrido nas questões comportamentais e de respeito às minorias no Brasil. Convém ressaltar, que este não é um problema do mercado de turismo, que costuma ser mais receptivo à diversidade, desde que esse grupo tenha poder de consumo³.

O cenário pode ser mais bem observado, após o ciclo eleitoral de 2018 com a ascensão de um grupo conservador ao poder, cujas premissas indicam um enfraquecimento das políticas afirmativas do Brasil (Di Carlo & Kamradt, 2018; Solano, 2019).

Em discordância aos preceitos de equidade e igualdade expressos na Constituição Federal de 1988, verifica-se a precarização dessas políticas no atual governo, como exemplo a retirada do turismo LGBTQ+ do Plano Nacional de Desenvolvimento do Turismo, a justificativa foi evitar os privilégios a grupos específicos na formulação de políticas setoriais.

Diferentemente do caso brasileiro, em 2017, o governo português estabeleceu no documento chamado de “Estratégia Turismo 2027”, o intuito é a promoção de Portugal como

³ Partindo deste princípio, podemos afirmar que a indústria do turismo – de lazer e de negócios – é uma das que mais tem potencial de promover diversidade e inclusão. Começando pelos destinos, passando pelos mais de 50 setores econômicos que a integram e chegando até o viajante, toda a cadeia envolvida nesta indústria precisa olhar, falar e promover a diversidade e inclusão em sua rotina.” Barros, Jorge in: <https://brasilturis.com.br/por-que-precisamos-falar-de-diversidade-e-inclusao-no-turismo/>

destino LGBT+ idosos no vídeo promocional da Proudly Portugal (2018)⁴.

Mas é preciso pensar que no nosso sistema democrático não se resume ao Poder Executivo e conta com instituições que funcionam como um sistema de pesos e contrapesos entre os poderes vigentes. Muitas das conquistas da população LGBT+, como a criminalização da homofobia, o casamento homoafetivo, a judicialização de políticas restritivas do conceito de família ou a promulgação do Estatuto do Idoso por parte do Poder Judiciário e Legislativo.

Não obstante, pode-se afirmar que o país tem um projeto mais amplo de assistência social que tenta promover uma maior longevidade desses grupos e será necessário pensar novas políticas para eles, bem como capacitar o mercado brasileiro com infraestrutura e qualificação para receber potenciais turistas tanto no mercado interno como internacional.

A construção das políticas públicas referentes ao público LGBT+ busca responder pelas reivindicações de igualdade e paridade ao acesso de fundos públicos encontradas no setor do turismo nos últimos anos, como, por exemplo, a inclusão ao incentivo ao turismo e sua posterior retirada no atual governo conforme mencionado anteriormente.

Para tentar elaborar as respostas necessárias, é necessário recorrer às ferramentas disponíveis, a partir de uma gama de saberes que possam contribuir com o turismo, com o intuito de compreender as relações entre os corpos dissidentes⁵ e o poder por parte do público LGBT+ refletem na produção dos espaços marginalizados e como esses corpos foram constituídos, bem como essas relações foram impregnadas de estigmas.

A travessia percorrida pelos corpos marginalizados ou resistentes esteve inserida em diversos contextos históricos que produziu peculiaridades, e a discussão no momento contemporâneo também vai refletir na forma como os grupos distintos que compõem a sigla expressam suas identidades e suas interações na sociedade. O texto não tem como mote fazer uma historiografia da construção do grupo, mas dar elementos para a compreensão da experiência dos turistas idosos LGBT+ no cenário atual do turismo. Nesse contexto, buscamos compreender como os relatos dos idosos LGBT+ refletem no consumo de suas viagens, bem como se colabora com um pequeno acervo sobre o tema para as construções de pesquisas futuras.

No entanto, salientamos que o grupo pesquisado não é um monólito e possui distinções. Para melhor elucidar o entendimento sobre a temática em questão, é necessário buscarmos entender como os deslocamentos ocasionados pelo turismo, segundo teóricos como Krippendorf

⁴ Proudly Portugal, Proudly Portugal – Portugal. Travel to feel, 2019. Disponível em <https://youtu.be/ZqNWyCUM1ZM>.

⁵ A Dissidente é quem disside, ou seja, é o que separa de uma crença ou de uma conduta comum. Nos estudos de gênero são corpos considerados abjetos onde suas sexualidades são colocadas em suspeição. (SOARES *et al.*, 2017).

(2009), Doll (2007) e Oliveira (2016) proporcionam reflexões sobre o segmento do turismo LGBT+.

Diante desse contexto, tem-se como questionamento central da pesquisa: como se dá a relação entre viagem, sexualidade e envelhecimento para o grupo LGBT+? Uma vez que há uma invisibilidade do envelhecimento dentro na própria comunidade LGBT+ e também uma ausência dos estudos turísticos focados nesse grupo, conforme discutido posteriormente.

Dessa forma, a pesquisa propõe como objetivo geral:

- Analisar as experiências de viagens por meio dos relatos dos turistas idosos LGBT+.

E como objetivos específicos:

- Abordar as memórias da descoberta da sexualidade/gênero e as implicações na sociedade e no turismo;
- Identificar a partir das experiências de viagens passadas os anseios do grupo de turistas idosos LGBT+ nas viagens atuais;
- Refletir sobre possibilidades de adequações do turismo frente às novas demandas do público idoso LGBT+.

A composição da fundamentação teórica foi feita a partir de três principais eixos. O primeiro deles refere-se ao desembarque da ideia de sexualidade ocidental no Brasil, a partir da chegada dos portugueses, até os processos políticos de reconhecimento LGBT+ na contemporaneidade. O segundo eixo apresenta uma discussão sobre o envelhecimento e memória e por fim realizamos uma revisão sobre a temática do Turismo LGBT+. Em relação à estrutura metodológica, apresentamos a abordagem da História Oral de acordo com Alberti (2005). Logo, apresentamos os resultados compostos das narrativas e por último as contribuições finais que objetivam elucidar o problema que norteia o presente estudo.

2. ENTRE VIAGENS E MEMÓRIAS DO PÚBLICO IDOSO LGBT+

Esta pesquisa foi ancorada numa perspectiva que envolve a história da sexualidade, a problemática do envelhecimento da população LGBT+ e as implicações desse envelhecimento nas práticas turísticas. Para tal discussão, as lentes teóricas utilizadas são oriundas de um diálogo entre as ciências sociais, turismo e humanas, baseando-se principalmente em autores como Foucault (1987), Eclea Bosi (1994), Eduardo Henning (2014) e Oliveira (2016).

2.1 O desembarque da sexualidade no Brasil: notas críticas

[...] Não existe pecado do lado de baixo do equador
Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor [...]
(CHICO BUARQUE - 1973)

No Brasil observa-se uma série de elementos referentes à sexualidade, presente até os dias de hoje em nossa sociedade, que foram sendo forjados ao longo dos processos históricos oriundos principalmente do período da invasão portuguesa, denominado como “descobrimento”. No entanto, antes desse contato, havia sofisticadas sociedades entre os nativos brasileiros, em que o desfrutar da natureza e o entendimento de suas regras era a base de suas vidas, sem vínculo com credos institucionalizados, sobretudo aqueles impostos pela Igreja Católica (SOUSA, 2010).

Com uma cosmologia e regras próprias, as sociedades dos povos originários modificaram drasticamente após o início da colonização portuguesa. Por conseguinte, noções de sexualidade muito próximas dos manuais da Idade Média são impostas a este grupo, alterando violentamente as tradições e as liberdades de seu corpo, como o uso de vestimentas, e a conversão ao Cristianismo e toda sua tradição (SOUSA, 2010).

Em seu artigo, “Sexo do Lado de Baixo do Equador”, Giraldi (2010, s/p) fala a princípio da opinião de Oswald de Andrade, quando se trata desses índios colonizados:

Em seu lamento irônico sobre as imaginárias condições meteorológicas no momento da descoberta do Brasil, o poeta modernista Oswald de Andrade sugeriu que se os índios tivessem conseguido impor sua nudez aos colonizadores, tudo seria diferente. A liberdade de comportamento e a exuberante sexualidade indígenas poderiam ter prevalecido sobre o conservadorismo cristão europeu que, afinal, acabou se estabelecendo no Brasil.

Em virtude disso, há uma série de castigos impostos pela igreja Católica após a instauração do Tribunal da Santa Inquisição. Existiam relatos de crimes cometidos por atos sexuais, conforme cita Giraldi (2010, s/p) os crimes de natureza sexual condenados pela Inquisição eram:

Crime e castigo: O monitório, documento produzido pela Inquisição, listava os crimes de natureza sexual. Os fiéis eram convocados a consultá-lo para confessar os próprios delitos e denunciar outros infratores, sob pena de excomunhão.

Sodomia – Sexo anal. Era o delito mais frequente entre todos. Acontecia tanto entre homens como entre homens e mulheres, solteiros ou casados. A Igreja denominava a sodomia de pecado nefando ou crime contra natura, por considerar a prática “contrária à natureza”, ou seja, não destinada à procriação. Curiosamente, as penas para um crime considerado tão grave pelo Santo Ofício em geral eram brandas: admoestações, rezas, jejum e confissões públicas.

Bigamia – Prática relativamente comum na Colônia, envolvendo portugueses que já eram casados na terra natal e voltavam a casar-se no Brasil. Alguns acreditavam que haviam ficado viúvos, casavam-se de novo aqui e depois recebiam a notícia de que o cônjuge continuava vivo em Portugal. Na maioria das vezes a pena para o delito era leve, consistindo de penitências espirituais. Fornicação – Prática dividida em duas categorias: simples, que envolvia as relações sexuais entre homens e mulheres solteiros; e qualificada, que incluía adultério, concubinato, relação sexual com freiras e bestialidade. A pena poderia ser a própria confissão.

Solicitação – Pedido de favor sexual pelo padre ao fiel no momento da confissão, podendo envolver uma troca pela absolvição de pecados. Nesses casos havia uma relação de sedução e poder. Afinal, o padre estava abaixo do papa, que estava abaixo de Deus.

Devido a todos esses fatores no período de colonização e com base nos estudos de sexualidade no Brasil apresentados, se pode considerar que os povos nativos sofreram a violência pela domesticação dos corpos pelos povos conquistadores, que passam a ditar novas normas de comportamento, que podem ser observados nos dias atuais, inclusive em algumas passagens, com forte teor colonialista observada nas narrativas apresentadas nesta pesquisa.

A forte presença da Igreja Católica e sua imposição de valores sociais tinha como intuito domesticar os corpos para padrões aceitáveis de comportamento. Assim, evitando condutas consideradas impróprias aos rígidos padrões da época, tal comportamento sendo considerado como um pecado, podendo estes ser em parte tolerados ou fortemente reprimidos, aos quais seriam categorizados como nefandos (SOUSA, 2010).

Dentre os pecados nefandos, estaria elencada a sodomia, cujo imaginário social induzia que sua prática disseminada levaria à destruição do espaço citadino tal qual a história bíblica

da destruição de Sodoma. Dentre as passagens históricas sobre a punição a este tipo de pecado, temos as transcrições do caso do índio Tupinambá Tibira, em 1614, entendido como o primeiro caso de morte por homofobia no Brasil ao ser amarrado a um canhão, cuja execução foi incitada por frades capuchinhos de uma missão francesa:

Apenas foi apanhado, amarraram-no e trouxeram-no com segurança ao forte de São Luís, donde deitaram-lhe ferros aos pés; vigiaram-no bem até que chegassem os chefes principais de outras aldeias para assistirem ao seu processo e proferirem sua sentença e sua morte, como fizeram afinal. Não esperou o prisioneiro pelo princípio do processo e ele mesmo sentenciou-se, porque diante de todos disse: 'Estou morto, e bem o mereço, porém, desejo que igual fim tenham os meus cúmplices' (D'VREUX, 2009, p. 358).

A perseguição ocorrida no caso do índio Timbira não foi um caso isolado que aconteceu apenas na Colônia. Existem vários relatos de repressão a condutas tidas como inapropriadas em Portugal, que apenas reproduzia no Brasil as proibições impostas na metrópole. A passagem do século XVI para o século XVII, no Brasil, período este que compreende a exploração econômica do território brasileiro sobretudo com a introdução da cultura do açúcar e utilização massiva da mão de obra escrava trouxe novos componentes que potencializariam o controle desses corpos. Nesse sentido, Beldin e Ribeiro comentam sobre a posição da mulher nessa sociedade:

Durante os séculos XVI e XVII, a sexualidade no Brasil manifestava-se de forma ambivalente. De um lado a ótica masculina de liberdade para si e contenção para a mulher – a sua mulher, já que a mulher dos outros poderiam ser sempre objeto de sua conquista. De outro sob a ótica da mulher, três situações distintas: a branca, ainda em pequeno número, pronta para correr riscos para não deixar murchar seu desejo sexual pulsante e transgressor; a índia, sexualmente livre e pronta para amar incontestemente o admirado branco; e a negra, oprimida e escrava, porém igualmente erótica e sensual. A Colônia do século XVI e XVII era altamente erótica e nela as práticas sexuais se manifestavam de mais variadas formas, não obstante as diferenças de etnias e culturas que encontramos aqui. (BELDIN E RIBEIRO, 2013, p.161).

Tal apropriação violenta de outros corpos não ocorreu sem perspectiva de resistência. Isso deu início ao processo disciplinar do corpo que marcou a transição do século XVII ao século XVIII como forma de dominação. Aquele corpo atlético descrito por Foucault (1987) no início do capítulo *Corpos Dóceis* na obra *Vigiar e Punir*, entende que o corpo é dócil quando se refere a utilidade, agilidade, ele inicia a classificação do poder na sociedade quando parte de dois prismas: corpo útil e corpo inteligível. Sendo o corpo útil, o corpo analisável, moldável,

manipulável, assim formando a noção de docilidade “[...] dois registros bem distintos, pois tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento, ora de explicação: corpo útil, corpo inteligível” (FOUCAULT, 1987, p.118).

Isso deu início ao processo disciplinar do corpo onde marcou a transição do século XVII ao século XVIII como forma de dominação. Aquele corpo atlético descrito por Foucault no início do capítulo *Corpos Dóceis* na obra *Vigiar e Punir*. Essa disciplina coloca por fim o argumento que cada um tem seu próprio corpo.

Já que a sexualidade é um elemento inerente à natureza humana, desde o surgimento do homem e da mulher, seja por teorias criacionistas ou evolucionistas. Por isso compreende-se a importância deste estudo, pois sua tipificação como signos linguísticos, cuja política identitária está hoje representada pela sigla LGBTQ+. Sob o pensamento de Foucault (2013) há na genealogia do saber no sentido de identificar as contribuições que esse público possibilita no segmento do Turismo LGBTQ+. Por isso, nesta pesquisa, busca-se exibir uma evolução do processo em que se deram as relações com os corpos na sexualidade e gênero, não de forma cronológica e sim exibindo períodos relevantes para o tema presente.

A construção da ideia de ocidente está permeada por imagens dominantes do corpo humano. Nesses quatro mil anos, o corpo influenciou a construção de equipamentos sociais urbanos indispensáveis, e sua imagem idealizada transfere seus valores para a geografia das cidades e como essa construção gerou sentimentos, repressão e insensibilidade, especialmente entre os corpos distintos dos padrões desejados.

Conforme Sennett (2003, p.22), “[...] em uma sociedade que enaltece genericamente o corpo, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma vigente”. Ter o direito à voz no espaço público revela a visibilidade conferida aos corpos, entendendo quais corpos subjugam ou são subjugados, o que indica as relações de poder existentes.

Sendo assim, essa disciplina coloca por fim o argumento que cada um tem seu próprio corpo. A obra *História da Sexualidade* Foucault (2013) retrata a construção da sexualidade na Idade Moderna, cujo enfoque priorizou os países industrializados à época. Sobre a participação de estudiosos das áreas clínicas e pedagógicas nesse processo, Ribeiro e Beldin dissertam:

A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu ao final do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando médicos, e posteriormente educadores, elaboraram, desenvolveram ou se

apropriaram de teorias e ideias que foram consideradas científicas e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso oficial para atingir seus objetivos de se fazer ciência, propor ações educacionais, ou práticas pedagógicas e resolver problemas de saúde pública, em alguns casos para justificar ideologias e exercer o poder. É a partir deste período que questões ligadas à sexualidade começaram a ter lugar importante no discurso médico – educacional (BELDIN E RIBEIRO, 2013, p.155)

Contudo, muitos dos condicionantes normativos impostos não se fizeram estanques e no decorrer dos séculos foram motivo de contestações a partir do desenvolvimento de novos conhecimentos, que à luz da novidade, houve diversas formas de controle da sexualidade o que também foi motivo de disputa entre os distintos grupos. Muitas mudanças no panorama desenvolveram novos códigos de comportamento sexual, muitos dos quais tornaram-se a regra geral de comportamento.

A heterossexualidade foi questionada, as relações monogâmicas tradicionais, a ideia de liberdade da mulher com a inserção da pílula, como controle do seu corpo e a nudez em público. Ainda assim, dentro desse contexto, nos Estados Unidos, a homossexualidade era considerada doença psiquiátrica e sofria retaliações da polícia (RODRIGUES, 2008).

Assim como em muitos lugares do mundo começaram movimentos isolados de resistência, foi em Nova York, na noite de 28 de junho de 1968 que grupos de travestis pretas e homens gays cis brancos reagiram à intervenção da polícia no bar *Stone Wall Inn*, marcando, um ano depois, a primeira marcha do Orgulho Gay no mundo, dando início ao movimento político LGBT+ (TERTO; SOUZA, 2015).

No Brasil, o período posterior a 1968 mostra um aumento do aparato repressor instituído pela ditadura militar. O termo “cis-hétero militar” foi uma proposta a reescrita por Ricardo Afonso-Rocha para o período da Ditadura no Brasil, pois permitia compreender a “produção do corpo e das sexualidades em torno da cisgeneridade” e iluminar a “dimensão cisnormativa da ditadura brasileira” (AFONSO-ROCHA; MITIDIARI, 2019, p.50). Já o Renan Quinalha analisa a necessidade de utilização do termo “hétero-militar” por entender que em qualquer regime ditatorial há políticas de controle da sexualidade, o que pode ser observado na ditadura brasileira (1964-1985). Como parte do aparato repressivo também era observada uma política de regulação dos corpos. As Forças Armadas não se valiam apenas dos aspectos contidos na Doutrina de Segurança Nacional “mas também morais, ao associar a homossexualidade a uma forma de degeneração e de corrupção da juventude”. (QUINALHA, 2017, p.25).

Apesar de um intenso controle social e dos costumes, a ampliação das desigualdades sociais também refletiu na questão da sexualidade e essa passa a entrar em conflito com o

espírito da época. João Silvério Trevisan (2000) destaca que na década de 1980, houve um aumento considerável da prostituição, atividade esta que se tornava uma das poucas alternativas econômicas para grupos socialmente vulneráveis como as travestis que, sem acesso aos postos de trabalho disponíveis e com dificuldades de acesso aos meios de subsistência, encontravam-se em situação de vulnerabilidade em suas próprias casas e sujeitas a diversos tipos de violações e violências, o que culminava com a expulsão de seus lares e a perda de vínculo familiar.

Após muitas lutas e perseguições, somente em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde e no ano de 2019 a transexualidade saiu da categoria de transtornos mentais para integrar as de condições relacionadas à saúde sexual, denominada como incongruência de gênero (CAMILOTTO, 2019).

Ainda que os anos de 1990 tenham trazido uma série de avanços para as discussões de gênero, é na década seguinte (e início do milênio atual) que o termo *Queer* passa a ser amplamente debatido no ambiente acadêmico e posteriormente junto aos movimentos identitários. No Brasil, o avanço da discussão sobre gênero e sexualidade e a necessidade de dar maior visibilidade ao grupo a inclusão de novas identidades promoveu a inclusão dos bissexuais, que comporiam a sigla GLBT, outrora GLS, e, com a adição de novas identidades como intersexuais, assexuais e queers, chegaríamos na composição atual, LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queers*, Intersex, Assexuados e mais possibilidades), ainda que seja possível entender que os *queers* não se prendem a questões identitárias (COSTA *in* NASCIMENTO, 2021, p.93).

Conforme observado, a discussão de gênero e sexualidade no Brasil avançou significativamente após o período de redemocratização, o que também resultou em ganhos sociais para estes grupos. Porém, não há movimento em sua sociedade sem a respectiva reação de grupos que entendem ter suas condições históricas atacadas. A expressão “Ideologia de Gênero” aparece em finais do século passado na América Latina e passa a ser utilizado como mote argumentativo por parte de grupos conservadores que passam a atacar essas minorias. No Brasil, essa argumentação fica mais evidente durante o processo eleitoral de 2018, que culminou com a ascensão de um grupo fortemente conservador ao controle do Executivo (COSTA *in* NASCIMENTO, 2021, p. 97). A ideia de se polarizar politicamente valores acerca do gênero e sexualidade aos campos da direita e esquerda no espectro da política no Brasil nem sempre reflete as políticas públicas, como comenta Beldin:

É preciso frisar que não há uma dicotomia simples e direta entre esquerda x

direita, uma polarização em que liberdades de atitudes e comportamentos sexuais seriam elementos típicos de um pensamento liberal e progressista e o conservadorismo e a repressão sexual fossem características da direita. A pauta de costumes por vezes está associada ao espírito da época e reflete mais a sociedade do que seus grupos dominantes. Paralelamente à contenção da educação sexual na escola, também tivemos a liberação dos filmes eróticos (a pornochanchada) como política pública, através da estatal Embrafilmes. Percebemos também que comportamentos e atitudes voltados para uma busca de prazeres momentâneos com certa dose de erotismo constituíam a base da libertação da juventude, particularmente a juventude da classe média, boa parte alheia aos acontecimentos públicos do país. (BELDIN, 2016, p.22).

Ainda que os discursos oriundos da classe política tenham se pautado pelo ataque verborrágico aos grupos minoritários, é preciso lembrar que há no país um sistema tripartite entre os poderes, com mecanismos de pesos e contrapesos que visam garantir as conquistas sociais de grupos socialmente fragilizados.

E, diante do exposto, é preciso buscar elementos que permitam a participação dos grupos na formulação de políticas sociais. Mas qual seria o tamanho desse grupo? A Organização das Nações Unidas (ONU) prevê que o planeta terá mais de 2 bilhões de pessoas acima dos 60 anos até 2050, com uma movimentação anual estimada em US \$7,1 trilhões. Nesse contexto, os idosos LGBT+ carecem de uma maior atenção no que tange a formulação de políticas públicas – especialmente entre trans e travestis⁶.

E, para atender as demandas desse grupo, faz-se necessário o uso de um novo arcabouço teórico pois, ainda que reconheçamos a importância histórica dos estudos produzidos na academia, há que se atualizar os conhecimentos sobre os estudos que abordam o envelhecimento e a memória, pois muitos desses conhecimentos foram produzidos por uma outra óptica.

2.2 Envelhecimento LGBT+ e Memória

É preciso enfatizar que o envelhecimento é uma previsível para todo ser humano, como um fenômenobiológico, social e psicológico alterando a sua própria história e a sua relação com o tempo (BALLONE, 2000). Para cada indivíduo terá um experimento individual sobre seu envelhecimento, de maneira muito específica e particular, levando

⁶ Como exemplo de política pública para o público idoso, o Ministério do Turismo lançou em 2010 o programa “Viaja Mais Melhor Idade”, que “visa promover a inclusão social de pessoas a partir de 60 anos, de aposentados e de pensionistas, proporcionando-lhes oportunidades de viajar e de usufruir os benefícios da atividade turística, como forma de fortalecimento do setor de turismo no Brasil.

em consideração alguns aspectos como a saúde e suas condições econômicas (MINAYO; COIMBRA, 2002).

Cabe lembrar que os estudos sociais em relação à população idosa são bastante recentes, notadamente surgida num contexto de pós-guerra onde as inúmeras conquistas no campo da saúde proporcionaram, um incremento populacional e uma maior longevidade, alterando a forma da pirâmide etária brasileira, outrora composta em sua maioria por jovens, mas que as mais recentes estatísticas indicam que os idosos serão o maior grupo etário no país.

O IBGE aponta que a expectativa de vida do brasileiro depois de 2020 passou a ser de 76,8 anos, comparados a década de 1940 que a estimativa era de 45,5 anos de idade. Com isso, a velhice, diferentemente da ideia do senso comum, não é mais sinônimo de incapacidade funcional ou de ausências sociais e sexuais. (Vieira, Coutinho e Saraiva, 2016). Entretanto, uma maior participação social não tem reduzido alguns estigmas sobre o corpo idoso, pois:

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, perdão e uma abnegação servil pela família. Os velhos, postos à margem da ação, rememoram, fatigados de atividade. O que foi sua vida, senão um constante preparo e treino de quem irá substituí-los? (BOSI, 1994, p. 76).

As pessoas têm vivido cada vez mais, pelas últimas décadas fazendo com que a longevidade humana passasse a ter a alcunha do termo velhice, novos significados, contrariando o que anteriormente eram estigmatizados com predicados supostamente negativos, surgindo então termos como “envelhecimento saudável, ativo e participativo” (ORTIZ et al, 2021).

Apesar de uma maior concentração de estudos no campo da saúde e bem-estar do idoso, surge uma maior dinamização das pesquisas em relação aos impactos econômicos exercidos pelo grupo. Os estudos, na literatura das velhices LGBTQ+, têm a tendência de retratar homens e mulheres que se identificam homossexuais, cisgêneros, de cor branca, de classes médias, residentes de grandes metrópoles e geralmente de pessoas que estão na fase inicial do envelhecimento, mas recentemente têm surgido pesquisas que abordaram velhices bissexuais, transexuais, *queers* (HENNING, 2014).

Para Debert (1999, p. 32), “[...] a transformação do envelhecimento em objeto de saber científico põe em jogo múltiplas dimensões, como o desgaste fisiológico e o prolongamento da

vida, a demografia e o custo das políticas sociais”. A percepção negativa da velhice não se firma apenas entre grupos mais jovens, mas até mesmo entre os idosos há visões negativas e depreciativas sobre a velhice, o que exige resgate de sua imagem e desconstrução de um discurso arraigado na sociedade.

Porém, tal posição do idoso na sociedade não é estanque, e se relaciona de formas diferenciadas conforme o contexto social. A própria Bosi (1994, p. 77) fala que “[...] além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”.

Ainda ao falarmos de sexualidade na velhice seja um enorme tabu, segundo Ortiz “[...] mesmo com todo desenvolvimento da sociedade e da própria humanidade, o tema sexualidade na velhice ainda é relacionado à vergonha ou ao deboche, uma vez que na velhice a pessoa é definida por sua suposta assexualidade em que os comportamentos e ações com tônica de sexualidade não condizem, ou fazem parte” (ORTIZ et al., 2021, p.18).

Paulatinamente, há um consenso entre os gerontólogos sobre a sexualidade como parte de um envelhecimento mais ativo é fundamental para um envelhecimento saudável (ORTIZ *et al.*, 2021). Como parte desse cenário, tem-se observado uma consolidação dos idosos como um segmento influente no debate das questões nacionais. Cabe lembrar que os estudos sobre o envelhecimento LGBTQ+ carecem de um maior volume de artigos no âmbito acadêmico, associado também a uma “escassez de dados demográficos no Brasil em que tabulem porcentagens de idosos brasileiros que vivem diferentes orientações sexuais” (SILVA; ARAUJO, 2020, p.20).

Outro aspecto importante, observado de maneira geral por demógrafos e gerontólogos, diz respeito ao deslocamento da barreira etária que indica o limite entre a fruição de uma vida plena e saudável e o ingresso em uma fase mais restritiva, na qual se manifestam mais intensamente fatores limitativos que acometem a saúde dos idosos, em se tratando do idoso LGBTQ+, estudos apontam que na velhice vivam uma situação maior de vulnerabilidade, devido algumas especificidades da sexualidade, principalmente na saúde como exemplo a população trans, que sofre transtornos psíquicos por dificuldade de acesso à saúde (SILVA; ARAUJO, 2020, p. 20).

O referido cenário pode ser observado na produção do espaço urbano, onde é possível notar uma ineficácia das políticas públicas, cujo intuito deveria ser a redução das desigualdades sociais. E estas são ainda mais distantes para grupos de pessoas que têm seus corpos e sexualidades ditados como objetos pelo conjunto social. Hoje a sociedade passa por mudanças nos conceitos de família, de sexualidade, de comportamento, de trabalho, e de tantas outras

coisas que acabam por nos induzir a novas maneiras de ler a cidade.

Ao nos referirmos às maneiras de ler as cidades, considerando o vislumbre da cidade como texto, levando em consideração também as contribuições dos estudos semióticos, ou seja, acreditamos que a cidade pode ser lida como um texto que registra as atitudes e as experiências de uma sociedade. E a construção desse espaço social é predominantemente destinado ao jovem que, no decorrer de sua maturação, entrará em contradição com a cidade contemporaneamente construída, especialmente para aqueles que dispõem de menor acesso aos meios de produção. Sobre o assunto, comenta Bosi:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho, ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa de um contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. (BOSI, 1994, p.77).

A dinâmica de grupos minoritários e como estes viabilizam seu próprio acesso aos equipamentos urbanos demonstram como ocupam, produzem e entendem a cidade em que habitam. Observa-se atualmente um engajamento pela preservação do que sobrou do passado das cidades, independentemente do estoque de materialidades históricas que estas possuem. Mesmo as cidades recentes têm adotado a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. Isso mostra que houve uma profunda mudança na forma como a sociedade brasileira se relaciona com suas memórias.

Porém, tal mudança afetará diretamente aos velhos, em cuja tarefa social está acoplada as funções de guardião da memória social e repositório de conhecimentos, responsável por uma oralidade que não compete aos mais novos, como bem ressalta Bosi (1994, p.63), “[...] haveria, portanto, para o velho uma espécie de singular obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem”.

Por outro lado, considera-se que a memória no turismo, pelos precedentes da memória coletiva ou memória social, (HALBWACHS, 1980; JEDLOWSKI 2001), seja pela emoção coletiva ou sobre compartilhar suas memórias (PÁEZ ET AL. 2015; VON SCHEVE E ISMER 2013; COLLINS 2004), como sendo a motivação para decidir sobre os destinos turísticos ou sua viagem, cumprindo um papel social, (DIENER E BISWAS-DIENER 2008; WEARING AND WEARING 2001).

Porém, convém ressaltar que a relação entre os corpos dominantes e corpos subjugados não é de todo passiva. Grupos marginalizados superam as restrições impostas à apropriação de espaços públicos construindo novos espaços, e adequa as proibições das manifestações

inerentes do ser aos códigos vigentes, ressignificando os sentidos dos rituais e crenças a eles permitidos. Então, a obrigação de guardar a memória coletiva e transmitir o conhecimento através da oralidade também passará pelos filtros do ouvinte, pois “[...] os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade, daí o narrador possuir uma amplitude de vibrações que falta a informação” (BOSI, 1994. p. 86).

O modelo conciliatório adotado pelo Brasil após a redemocratização condicionou profundamente as políticas públicas sobre o acervo de nossa memória política, sobretudo aquelas que questionam a ação do Estado. Por isso, as primeiras políticas públicas procuraram restringir a memória. A superação do silêncio do Estado sobre seu passado de violações aos direitos humanos exige que o mesmo reconheça sua participação para que a agenda pública possa legitimar o acerto com o passado, que trará outros problemas derivados desse reconhecimento que deverão ser discutidos pelo conjunto da sociedade.

O controle estatal de sua atuação histórica, como pode ser observado nos parágrafos acima, pode reproduzir lógicas de dominação social presentes no Brasil, alguns deles com fortes raízes colonialistas, mas a disputa política pelo estado pode alterar o “ponteiro da bússola”. Conforme argumenta Ansara (2012, p. 297), “[...] se por um lado, a memória se apresenta como um instrumento de manutenção de um imaginário “colonialista” marcado pelo discurso oficial que enfatiza os feitos dos heróis, produzidos e reforçados pela educação e pela mídia ou mesmo registrados nos documentos oficiais; por outro lado, a memória manifesta-se para resistência e luta política fortalecendo a participação e ação política de movimentos sociais.

Em consonância com o exposto, Panosso Netto, Nogueira e Jäger (2011) ressaltam a imprescindibilidade das classes e populações periféricas questionarem as relações de poder e apropriarem-se de discursos próprios na produção do conhecimento, a partir de um embasamento filosófico que favoreça a ação com visão crítica. Para tanto, revela a premência de um referencial teórico metodológico contrário à corrente dominante, com embasamento que questiona as relações de poder, as contradições do saber estabelecido e seu *corpus* teórico. E, assim, reivindicando a legitimidade e autonomia “da universidade”, como *locus* do saber científico.

Mas a compreensão do passado associada a uma maior cidadania é algo que exige, sobretudo, maior investimento em educação. A historiografia demonstra através dos espaços públicos que há uma imensidão de memória coletiva construída no decorrer dos tempos, e que mudanças geracionais trazem novas compreensões do que representou esse passado. Paralelo a isso, temos uma maior disseminação de meios de arquivo, reprodução das memórias e leituras.

Bosi (1994) comenta que esse contexto traz novos desafios à função social da memória:

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora” (BOSI, 1994. p. 81).

Conforme já questionado no texto, o processo de esquecimento promovido pelo Estado nas últimas décadas, cujo intuito é apagar seu passado repressivo e docilizar os corpos, evitando questionamentos e lutas sobre sua atuação, é preciso ressaltar que a importância de uma consciência política proporcionada pelos movimentos sociais (sobretudo aquelas construídas pelas classes populares) na construção da memória foi relevante para evitar o aprofundamento dessa política. A própria noção de velhice não é estanque, e como todo discurso, está em disputa sobre seu significado. Sobre o tema, já dizia Beauvoir:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no que, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Muda é a lei da vida. (BEUAVOIR, 1976, p.17)

Corroborando com o exposto por Beauvoir, Doll (2007) aponta que o turismo ocupa o topo da lista de desejos dos idosos, sobretudo os mais jovens, e sua maior evidência vai perdendo espaço assim que as preocupações com saúde emergem entre suas prioridades. Sua prática, inclusive, amenizaria as patologias, especialmente as psicológicas, típicas da idade, além de afastar o temor em relação à morte. Sobre o tema, Zeldin comenta:

Todos os seres humanos são, por sua origem, escapistas, todos descendem de ancestrais que migraram da África e da Ásia... A sociedade industrial começou como uma escapatória à pobreza. Agora ela se tornou uma fuga do trabalho para o lazer, para os passatempos favoritos é o esporte. No entanto, até mesmo uma civilização dedicada ao lazer encerra inimigos, de modo que a arte da fuga foi ainda mais refinada. (ZELDIN, 2008, p.273).

A memória do idoso LGBT+ contemporâneo compreende um período histórico bastante persecutório, conforme posto por Ortiz:

Vale lembrar que os idosos LGBTQ+ de hoje, viveram um período histórico de controle da sexualidade, em que imperavam formas de opressão e invisibilidade da sua identidade e como resultado de tal repressão, operam o medo da rejeição e da perseguição onde o receio de admitir sua orientação para si mesmo era pungente.(ORTIZ et al, 2021, p.19)

E essa construção de identidade está em consonância com as mudanças que ocorreram no mundo desde meados do século passado, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial e a ascensão de movimentos sociais, que obrigaram o poder econômico a compreender as novas formas de vida que se apresentavam, sobretudo aquelas que resistiram aos movimentos repressivos.

Cabe lembrar que os estudos sociais começam a surgir num contexto de pós-guerra em que as inúmeras conquistas no campo da saúde proporcionaram um incremento populacional e uma maior longevidade, alterando a forma da pirâmide etária brasileira, outrora composta em sua maioria por jovens, mas que as mais recentes estatísticas indicam que os idosos serão o maior grupo etário no país (IBGE, 2021). Ainda no tema de implicações dessas novas identidades a serem apropriadas por setores da economia, vemos em pesquisas um crescente interesse por parte desses idosos por elementos que resgatem suas próprias identidades.

2.3 Turismo LGBTQ+

Antes de adentrar no tema, convém ressaltar que a sigla em questão não é uma situação estanque, com alterações significativas em sua nomenclatura. Os estudos contemporâneos apontam que as mudanças constantes da sigla são uma tentativa de representar novos corpos dissidentes, para questões políticas-sociais, cuja trajetória recente os colocam como minoritários mesmo dentro de um grupo tradicionalmente oprimido, como os LGBTQ+.

A própria inclusão desses grupos na sigla representa o quão recente é sua aceitação. E essa exclusão também reflete em suas necessidades de consumo, pois a segmentação vai lhes apresentar necessariamente conteúdo LGBTQ+, sem considerar suas peculiaridades. Entendê-los é primordial para a elaboração de conteúdo específico, que resultem em maior satisfação do grupo.

Por isso, cabe discutir no espaço acadêmico, o campo de conhecimento relativo ao nicho LGBTQ+. Como mencionado, no âmbito das políticas públicas o incentivo a categoria foi retirado do Plano Nacional do Turismo 2018, como cita o Brasil (2018) numa perspectiva universal do turismo, sem focar em privilégios para nichos específicos.

Nota-se que a pesquisa assume um posicionamento contrário, sobretudo por se tratar de um grupo historicamente oprimido e violentado. Pois, como temos observado há uma expansão do turismo LGBT+ nas últimas décadas, visto que os indicadores mundiais sugerem um crescimento nos chamados “turismos de nicho”, em que o turista requer muito mais que estruturas básicas.

Sobre isso, Oliveira comenta:

Quando se fala de turismo LGBT, muitas pessoas perguntam se o turismo difere a depender de quem seja o público ou perguntam por que a necessidade de um turismo voltado especificamente para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Ora, a rigor, o turismo praticado por membros da comunidade LGBT não é diferente do turismo praticado por membros da comunidade heterossexual no que diz respeito à infraestrutura e aos atrativos dos destinos turísticos. Afinal, qualquer turista necessita hospedar-se, alimentar-se, locomover-se. Entretanto, devido aos comportamentos homofóbicos existentes em muitas sociedades, é necessário que o turista LGBT tenha uma garantia mínima de que não estará gastando seu dinheiro em um destino cujos moradores possuem um histórico de assediarem moralmente e discriminarem as lésbicas, os gays, os bissexuais e os transgêneros. Nesse sentido, o turismo especificamente voltado para a comunidade LGBT se justifica, pois pressupõe uma determinada atitude da comunidade receptora e, conseqüentemente, um trabalho de marketing mais específico.(OLIVEIRA, 2016, p. 47)

O nicho LGBT+ torna-se muito atraente quando se vislumbra os números econômicos gerados pelo mundo. A expressão “*pink money*” surge no recorte financeiro no aquecimento do mercado de consumo. Conforme Oliveira (2016) e Avraham (2018), um bom exemplo do bom uso do recurso turístico é o Estado de Israel que, apesar das seguidas propostas de boicote pelas comunidades pró - Palestina, recebe um bom número de turistas devido à sua maior aceitação da diversidade em seu território. Desse modo, Oliveira fala que há:

[...] uma evidência mais forte da importância do segmento LGBT é o volume de dinheiro por ele movimentado. Note-se que a Organização Mundial de Turismo já trata desse segmento oficialmente e publica relatórios anuais em conjunto com a *International Gay, Lesbian Travel Association* (IGLTA). No relatório publicado em 2012, essas duas organizações estimaram o impacto anual do turismo LGBT no mercado turístico mundial no montante de 140 bilhões de dólares. Em 2015, o resultado de uma pesquisa feita pela empresa de consultoria *Out Now Global* e repercutida pela revista *The Economist* (2016) em sua conta no Twitter e por organizações do setor de hospitalidade, dá a dimensão exata da importância econômica que os turistas LGBT possuem: eles gastaram cerca de 202 bilhões de dólares em todo o mundo em 2014. Desse montante, 25,3 bilhões de dólares foram gastos no Brasil. (OLIVEIRA, 2016, p. 48)

Para Neves e Brambatti (2019), tal comportamento acaba por gerar na área do Turismo estudos focados apenas no caráter econômico da segmentação do grupo, destacando os retornos financeiros acima aos demais. Isso porque se atribui a este público uma faixa de renda acima da média brasileira e uma formação escolar e profissional mais avançada, assim como a ausência de filhos e cônjuge, ou, no caso de união estável, possuir dupla renda, com maior disponibilidade de tempo e dinheiro para realizar atividades de turismo e lazer. Para os autores, tais pesquisas reproduzem um estereótipo exacerbado, nem sempre de acordo com a totalidade desse grupo, como se a sexualidade determinasse a renda e escolaridade dessa população.

Uma significativa parcela da população LGBT+ está à margem dos serviços oferecidos para a população em geral e habita as periferias das cidades, bem como apresenta maior evasão escolar por conta do preconceito. Seus espaços foram constituídos onde as sexualidades podiam ser vivenciadas, longe das pressões sociais. Em consonância com o autor acima, Moreira e Hallal (2017, p. 134), a superação dessa conformação espacial passa por uma nova concepção social, “[...] também se entende que a inscrição desses sujeitos como tais só será possível quando não houver espaços, públicos ou privados, delimitados para as diferentes formas de expressão da sexualidade e do gênero não-normativas. Como não o há para a expressão ou afeto heterossexual”.

De acordo com Nunan (2003), os grupos LGBT apresentam comportamentos individualistas, com maior necessidade de se agrupar, evitando rotinas, estresse e assistencialismos. A sigla DINKS (*double income, no kids*, casais profissionais sem filhos) é uma representação de como é visto o grupo no mercado. A classificação deduz que os homossexuais possuem caráter hedonista e buscam diferenciação em sua escolha de destinos. Para Trigo (2009, p. 153) “[...] os gays com maior poder aquisitivo, evidentemente, provocam um impacto significativo nos gastos com produtos e serviços sofisticados e supérfluos”.

Enquanto isso, Neves e Brambatti, disserta sobre o comportamento hedonista:

O turista hedonista na busca de seu “eu” interior, divide-se entre criar e recriar seus próprios mundos — seu espaço de exploração —, desafiando mistérios e vencendo medos. Testa-se, garimpa a si mesmo, desafia-se, visando como recompensa apenas ao prazer de um dia ter estado num lugar exótico ou inóspito, à procura de experiências únicas e místicas, união com o divino ou jornadas transcendentais. (NEVES E BRAMBATTI, 2019, p. 832).

Em contraponto à visão hedonista do consumidor LGBT+, Tadioto (2016) refere-se à apropriação do LGBT+ pelo poder econômico, no que denomina de Lugar Discursivo Consumidor. Segundo o autor, houve um processo de apropriação mercadológica da sigla GLS,

também como resposta às suas lutas e uma forma de reconhecimento da pauta com sua inserção no modo de produção capitalista. Há por parte da mídia e do mercado uma generalização do consumo neste grupo.

Em termos de deslocamentos, os homossexuais com as “[...] viagens para fora de seus locais de origem e para outros países uma relação bastante sólida” (TREVISAN, 2006, p. 142), consideradas como “uma constante na história de vida de milhares de homossexuais, em diferentes países e nas mais diversas épocas”. O mesmo autor ainda comenta: por que homossexuais viajam tanto? Em resposta à sensação de exílio em seu próprio país, frequente entre grande número de homossexuais, ocorre a necessidade premente de conhecer o mundo. A tendência é que homossexuais abandonem os lugares mais inóspitos e agressivos, inclusive suas cidades de origem, para “procurar o seu lugar”, movidos pelo desejo de se libertar. Sobre o assunto, Zeldin aborda:

Quais são as raízes dos prazeres e das emoções? São raízes bem diferentes, de espécies mais profundas, que retroagem além da genealogia da própria família, e só podem ser descobertas numa busca pelos continentes através de todos os séculos. O vínculo com os dias em que os seres humanos eram exploradores saindo das florestas da África e da Ásia é um lembrete de que eles estavam em movimento tanto quanto fixados... A cada dia, mais ocidentais estão descobrindo emoções comuns através da música e danças africanas. À medida que as viagens e fugas constantes da poluição urbana se tornam indispensáveis ao seu senso de liberdade, as imaginações dos ocidentais registram ecos nas fantasias dos nômades mongóis e citas que uma vez zombaram dos habitantes de cidades pequenas. Podemos nos sentir isolados em nossa própria cidadezinha, mas temos ancestrais espalhados pelo mundo. (ZELDIN, T., 2008, p. 65-66)

Coerente com isso, as emoções e as motivações vinculadas ao deslocamento também estão presentes nos corpos idosos. Doll (2007) aponta que o turismo ocupa o topo da lista de desejos dos idosos, sobretudo os mais jovens, no entanto, com o passar do tempo outras prioridades emergem, como aquelas relacionadas com saúde. As práticas das viagens, inclusive, amenizam as patologias, especialmente as psicológicas típicas da idade, além de afastar o temor em relação à morte (DOLL, 2007).

Nesse contexto, os desejos, prazeres e emoções dos turistas LGBT+ se manifestam na experiência turística como prática de liberdade, de expressão do eu e do “deslocamento” da sensação do exílio de onde vive, devido ao cerceamento e controle dos corpos (ZELDIN, 2008; TREVISAN, 2006; FOUCAULT, 1987). Mas a invisibilidade dos corpos idosos inclusive no turismo LGBT+ e as implicações das sexualidades nas experiências de viagens de turistas

idosos podem produzir outras lógicas para além dos estereótipos criados pelo mercado em relação a este nicho — como DINKS e hedonistas — sem o recorte geracional (ORTIZ, 2021; NUNAN/2003; NEVES; BRAMBATTI, 2019). Desse modo, transgredindo as referências apresentadas, esta pesquisa propõe analisar as experiências de viagens por meio dos relatos dos turistas idosos LGBT+ por meio do percurso metodológico a seguir.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico da pesquisa visa analisar as implicações das sexualidades nas experiências turísticas do público idoso LGBT+. Para isso, a abordagem utilizada neste trabalho é qualitativa, sendo possível por meio da interpretação do pesquisador e das opiniões dos sujeitos envolvidos na pesquisa entender o fenômeno estudado (PEREIRA *et al.*, 2018). Mesmo com um caráter qualitativo, ainda, classifica-se segundo sua finalidade como aplicada, onde o pesquisador busca soluções imediatas dos problemas do cotidiano (BARROS; LEHFELD, 2014).

Em relação à tipologia, a pesquisa é considerada descritiva-exploratória, permitindo descrever os fatos do grupo estudado com poucas intervenções, assim como a análise das suas características propondo uma maior familiaridade com a temática em questão, segundo Gil (2002). Assim, para a obtenção das informações dos sujeitos desta pesquisa, optou-se por um recorte dos idosos assistidos pela ONG Eternamente Sou, acima de 50 anos, que se voluntariaram após uma apresentação da pesquisa e anuência (Apêndice A), com a assinatura de um Termo de Consentimento Livre (Apêndice B), voluntariram um grupo de 06 idosos aposentados, que para esta pesquisa optamos por usar nomes fictícios a fim de preservarmos suas identidades, contemplando uma maior diversidade de gêneros e raças, de diferentes situações sócio-econômicas e por conta da pandemia da Covid e por medida de segurança, algumas entrevistas foram feitas remotamente e a única presencial foi já com duas doses de vacinas respeitando os protocolos de segurança, sendo:

- Antônio e Bernardo, dois homens gays, brancos, cisgêneros, de 60 e 61 anos, ambos de São Paulo capital, sendo feita entrevista remota e presencial respectivamente.
- Sheila, uma mulher, fluida, branca, transexual, de 60 anos, de São Paulo, sendo realizada a entrevista remotamente.
- Roberta, uma mulher, lésbica, preta, cisgênera de 68 anos, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo realizada a entrevista remotamente.

- Carla e Maria, um casal de lésbicas, brancas, cisgêneras de 69 e 74 anos, se Luiziânia, interior de São Paulo, ambas entrevistadas remotamente.

A partir do recorte referente à quantidade de sujeitos que participaram da pesquisa, utiliza-se como método a História Oral de análise das informações coletadas, tendo como referência o manual de Alberti (2005), pois seu arcabouço metodológico visa a romper com uma tradição iluminista de pesquisa, centrada na neutralidade, no distanciamento do pesquisador com o objeto a ser pesquisado e na impessoalidade, conforme Martinelli (2019).

Suas proposições são recomendadas para estudos em objetos em caráter descritiva-exploratória sobretudo aquelas situadas em regiões fronteiriças do saber, de forma a complementar métodos clássicos da pesquisa, e a abordagem do objeto requer posturas mais dinâmicas por parte do pesquisador e cria mais familiaridade com o tempo meio de entrevistas ao público específico e a literatura correlata, segundo Martinelli (2019). As principais premissas para a elaboração de entrevistas da História Oral, devem conter, segundo Le Goff (1984): o nome do entrevistado, data, quantidade (arquivos digitais, por exemplo) ou duração, nome do entrevistador, resumo do conteúdo, da natureza e do escopo da entrevista, restrições ao acesso (se houver) e o nome do projeto ou coleção (se houver).

Para Martinelli, a função do pesquisador ao utilizar os métodos da História Oral é:

Penetrar nesse denso tecido e conhecer esses sujeitos, e seus modos de vida exige do pesquisador uma postura política, teórico-crítica, no sentido de colocar-se à escuta, de interrogar os silêncios e de querer efetivamente conhecer a história a partir da narrativa acerca dos caminhos percorridos por aqueles que estiveram envolvidos com os acontecimentos que queremos estudar (MARTINELLI, 2019, p. 30).

E sobre a utilização do método, Le Goff analisa:

[...] no caso da entrevista de história oral, a intencionalidade do documento já é dada de saída, quando da própria escolha do entrevistado como pessoa importante a ser ouvida a respeito do assunto estudado. E ela se prolonga por todas as etapas de realização e tratamento da entrevista, transformada em documento de um acervo, aberta à consulta de pesquisadores. Por isso, é muito importante que o público conte com uma série de informações a respeito das condições de produção e de tratamento do material que está consultando: quais os objetivos da entrevista e em que projeto está inserida?, que instituição é responsável pela entrevista?, há instituição financiadora?, quem fez a entrevista?, havia outras pessoas, cuja presença possa ter influenciado o curso da narrativa?, houve circunstâncias importantes que possam incidir sobre a análise do que foi gravado?, qual a data, o local e a duração?, como foi feita a gravação? E assim por diante (LE GOFF, 1984, p. 221).

A História Oral recebe contribuições do método bibliométrico que pode “[...] colaborar na tarefa de sistematizar as pesquisas realizadas num determinado campo de saber e endereçar problemas a serem investigados em pesquisas futuras” (CHUEKE; AMATUCCI, 2015, p. 2).

Dessa forma, o arcabouço metodológico da História Oral visa a romper com uma tradição iluminista de pesquisa, centrada na neutralidade, no distanciamento do pesquisador com o objeto a ser pesquisado e na impessoalidade. Suas proposições são recomendadas para o estudo de objetos em caráter exploratório, sobretudo, aquelas situadas em regiões fronteiriças do “saber”, em que não se é possível a totalidade de sua compreensão pelos métodos clássicos de pesquisa, e a abordagem do objeto requer posturas mais dinâmicas por parte do pesquisador.

Para tanto, foi utilizado como referência o Manual de História Oral Alberti (2005) e com base em Bosi (1994), na sua obra “Memória e Sociedade” que contribui para a análise das entrevistas coletadas.

Para além dos estudos sobre a História Oral, abordada nesta dissertação, também é necessário compreender como se constituíram a sexualidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O objeto de estudo desta pesquisa envolve as questões de gêneros e sexualidades que se tornam necessárias para a compreensão das velhices abordadas no estudo. Para tanto, a pesquisa traz as contribuições de Michel Foucault nesse campo.

Sendo assim, o roteiro da entrevista servirá como um norteador da conversa, para prática da escuta ativa do entrevistador obedecendo os seguintes marcadores (Apêndice C):

- Como foi a descoberta da sua sexualidade?
- Qual viagem lhe marcou mais?
- Como deseja viajar atualmente?

Dessa maneira, identificaram-se as ausências e presenças de outras identidades de gêneros para além das já representadas pela sigla LGBTQ+, foi feita uma pesquisa bibliográfica, onde conclui-se a necessidade de uma base na teoria da biopolítica de Foucault, mais precisamente em suas obras “Vigiar e Punir” (FOUCAULT, 1987) e “História da Sexualidade”(FOUCAULT, 2013). Preponderantes para a fundamentação da pesquisa por acreditarmos que possa vir a contribuir para o turismo LGBTQ+, uma melhor análise sobre seus corpos, principalmente nos tocantes a gênero e sexualidade.

Após as devidas transcrições das entrevistas, foram analisados os resultados os quais apontaram as categorias das respostas, cujas reflexões auxiliaram neste estudo, bem como

possibilitarão fundamentar novas pesquisas no campo do turismo para os idosos LGBTQ+.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As discussões dos dados são provenientes da aplicação das seguintes técnicas. Primeiramente foi realizado ao longo da pesquisa o levantamento bibliográfico com base de dados, a partir de publicações com a temática “LGBT+”, vale ressaltar que os artigos encontrados são recentes, desse modo o termo LGBTQ, vem sendo publicado na última década desde 2011.

Durante a realização de um estudo bibliométrico para o aprofundamento teórico na dissertação com relação ao tema no ano de 2021, encontraram-se um total de 1.486 dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Turismo, mais precisamente entre os anos de 1997 e 2019 e constatou-se que apenas 7 dissertações se vinculam a este assunto, de acordo com Neves (2021).

Sendo assim, a pesquisa revelou um recorte de gênero que está além da sigla anunciada, como Os *Queers*, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais⁷, inclusive no que tange às pesquisas sobre o envelhecimento, porém identificou-se irrelevante na produção acadêmica do turismo nacional.

Em contrapartida, o turismo LGBTQ+ direcionado ao público idoso possui um mercado em ascensão, isso é revelado, a partir do desejo de viajar, o que indica que esse grupo possui interesse na atividade turística, fator objeto deste estudo.

Para corroborar com esse crescimento, no ano de 2020, a ONG Eternamente Sou realizou uma pesquisa interna entrevistando 51 idosos assistidos. Dentre as informações observadas, há um nítido interesse entre os idosos por viagens e construção de memórias. Entre as atividades preferidas do grupo estão, pela ordem: acessar a internet (76%), viajar (69%), assistir TV (61%), cinema (55%) e teatro (55%). A pesquisa indicou um grande interesse por cultura (69%), entretenimento (61%) e saúde e bem-estar (51%) entre o grupo, conforme a Fig.1 a seguir:

⁷ Os *Queers* surgem como uma apropriação de uma geração de pessoas que não se identificam com nenhuma das identidades sociais vigentes; Intersexuais são pessoas que apresentam variações em cromossomos ou órgãos genitais que não permitem que a pessoa seja distintamente identificada como masculino ou feminino; Assexuais são indivíduos que não sentem atração sexual seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual, embora não os impeça de exercerem relações de afeto e Pansexualidade, pode desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outra pessoa independente de sua identidade de gênero, sexo ou biológico.

Figura 1. Aproveitamento do tempo livre dos idosos

Fonte: Eternamente Sou (2020).

Já entre seus maiores anseios estão viajar (35%), casar (8%), continuar com saúde (6%), ajudar as pessoas (6%) e justiça social (6%). Notou-se ainda que os maiores anseios do grupo pesquisado têm como percentual de (49%) direcionado a viajar, morar em outro lugar (10%), emagrecer (10%), aposentar (10%) e ter um amor (8%), como apresenta os dados na Fig.2.

Figura 2. Anseios dos idosos

Fonte: Eternamente Sou (2020).

Os resultados acompanham a pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC/SP) no ano de 2020, em que 59% dos idosos gostariam de realizar atividades fora de casa, sendo destacado o desejo de viajar ou passear, apontado por 35% dos entrevistados (FPA e SESC, 2020). Em sua análise, Doll (2007, p. 113) relatou ainda que “viajar é o maior sonho de todos, especialmente dos idosos jovens (60–64 anos: 44%) e das pessoas com alta escolaridade (ensino médio/superior: 36%)”. Considera-se, então, que a aspiração às viagens é representativa durante a velhice e, talvez, essa

ambição esteja relacionada às motivações de ordem social do Turismo, não apenas como recuperadora do desgaste decorrente do trabalho, mas, sobretudo, como constituinte de um planejamento que envolve aspectos físicos, econômicos, mentais e sociais.

Em relação ao turismo idoso observa-se que a produção paira na discussão de turismo social, motivação, segmentação e necessidades (ZIELINSKA-SZCZEPKOWSKA, 2021; DIEKMANN; VINCENT; BAUTHIER, 2020; ALÉN ET AL. 2014; CLEAVER; MULLER, 2002). No entanto, desvelou-se uma inexpressiva produção sobre a velhice LGBTQ+ tanto em periódicos nacionais como nos internacionais do turismo, isso ratifica o tema ser inovador no que concerne à literatura já existente.

Dessa maneira, nota-se uma demanda por pesquisas sobre o tema, um campo inexplorado o qual necessita ser conduzido à luz para o conhecimento teórico do turismo. Neste trabalho foi proposto uma discussão, a partir das entrevistas coletadas, onde procuraram-se responder aos objetivos indicados na pesquisa, principalmente no que tange os marcadores que direcionam a reflexão sobre as experiências turísticas do público idoso LGBTQ+, possibilitando assim compreendermos a constituição dos seus anseios e percepções sobre o turismo.

Conforme o que foi proposto nas entrevistas, foram identificados padrões de depoimentos que categorizamos para a discussão sobre a temática direcionados à descoberta das sexualidades, aceitações, questões sobre seus corpos, memórias das viagens para com o público idoso LGBTQ+ e quais seus anseios e desejos sobre viajar na fase atual de suas vidas.

Durante o curso das narrativas dos (as) entrevistados (as), houve momentos mais libertários, onde é visível uma transformação mais repressora, sobre as questões sobre a sexualidade e as relações entre as memórias das viagens dos sujeitos envolvidos na pesquisa, principalmente quando se menciona o momento atual, uma ampla discussão acerca dos estudos de gênero.

4.1 Saindo do armário: sexualidade, memória e narrativas de viagens

Os sujeitos de estudo fazem parte do grupo idoso LGBTQ+. Por isso, a descoberta da própria sexualidade por parte dos (as) entrevistados (as) está intrinsecamente relacionada ao comportamento do turista, indicando algumas especificidades nas demandas de viagens.

No presente estudo, a primeira fase de exploração das entrevistas aborda o momento de vivências das experiências não heterossexuais e suas implicações no contexto de vida do público idoso LGBTQ+ envolvido (a) na pesquisa. Para a maioria dos (as) entrevistados (as), a invisibilidade dos desejos sexuais, as expressões de gêneros fora do padrão heteronormativos,

são fatores de vulnerabilidades sociais, gerando isolamentos e uma vida em paralelo aos padrões impostos pela sociedade.

Na fala da primeira participante, que se identificou como Roberta, uma mulher preta, com 64 anos de idade e que se identifica como lésbica cisgênera:

[...] eu sentia que tinha alguma coisa diferente comigo, mas eu não dava muita bola, porque eu era muito moleque. No decorrer dos anos, que fui pegando mais idade, eu fui entendendo que eu tinha atração, e a minha atração era por mulheres e não por homens, eu me assumi assim, normalmente. Ali pelos meus 15 anos. Mas eu lutei muito, lutei muito mesmo, porque tantos anos atrás era muito difícil. Eu não contei para ninguém, eu simplesmente fui vivendo a vida, porque a minha mãe não se importava muito comigo, ela cuidava mais do meu irmão do que de mim, eu era mais livre, mais solta, eu ia para onde eu queria, eu saía. Eu dizia: até parece que eu sou homem aqui na casa e o meu irmão Osvaldo que era a mulher, entendeu? [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

De acordo com a fala da entrevistada, convém entender que a relação entre os corpos dominantes e corpos subjugados não é passiva. Grupos marginalizados suprem as restrições impostas à sua apropriação de espaços públicos construindo novos espaços e se adequam às proibições das manifestações inerentes ao ser aos códigos vigentes, ressignificando os sentidos dos rituais e crenças a eles permitidos.

E sobre as restrições, imposições e relações de poder que se constituíram com a sexualidade e também como redirecionou a própria história da humanidade, ao menos que os corpos invisibilizados, conforme cita Foucault (2013) e Sennett (2008). Afinal, se todo Carnaval tem seu fim, ao menos, sempre haverá Carnaval para escape do cotidiano. Porém, observa-se que nem toda construção de gênero é estática, como percebemos na fala do participante que se identificou na pesquisa como Antônio, idade 61 anos, um homem branco, gay, cisgênero:

[...] eu comecei a ter relações homossexuais com 16 anos. Assumir talvez seja uma palavra que eu não possa usar, porque eu comecei a ter relações homossexuais junto com as relações heterossexuais e não houve um processo de saída do armário e nada foi indo. Mesmo com a minha família, eles foram descobrindo. Eu contei imediatamente, então acho que com 16 anos mesmo, pode ser que eu me assumi. Minha família é normal e receberam muito mal. Eu tinha um pai ausente, minha avó e minha mãe, que são as pessoas que estavam mais presentes, a minha mãe achou que eu estava precisando de terapia. [...] (Entrevistado- Antônio, 60 anos).

Em observância a fala do Antônio, nota-se um padrão de descobertas de suas sexualidades, durante a adolescência, assim como o papel da família na aceitação dessa

identidade. Essa passagem é importante, pois ela pode determinar rupturas de laços constituídos e necessidade de afirmações de suas identidades, como segue o relato abaixo:

[...] eu falei para ela que ela que fosse porque eu estava feliz, no melhor dos mundos, namorava com menino, com menina, o que tivesse lá, até com trans e aí nós ficamos afastados. Eu fui morar sozinho aos 17 anos com o namorado e nós ficamos 6 meses afastados, mas depois disso nunca houve nenhum problema, nenhum questionamento mais grave. Então ela foi aprendendo, minha mãe foi aprendendo e minha avó quando ficou sabendo, era uma italiana muito pragmática, falou para a minha mãe: “que bom, porque esse filho nunca vai te largar”. Uma mulher muito prática, muito ignorante, que não sabia ler. Então é essa família que eu venho. [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Ao estudar o comportamento em tempos da antiguidade, verificou-se, em especial nos relatos dos povos gregos e romanos as práticas e comportamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Em geral, a homossexualidade era vista corriqueiramente, com naturalidade, sem aplicações de estigmas ou animosidades, como apresentados nas sociedades ocidentais medievais e modernas (OLIVEIRA, 2002; MOREIRA; HALLAL, 2017).

A homossexualidade sempre foi associada a uma visão hedonista do indivíduo, combatida desde Platão, passando por Aristóteles, até Kant e Hegel, muitos foram os que opuseram frontalmente às suas teses. Porém, é na Igreja que os defensores do hedonismo veem seus mais fervorosos opositores.

No ensaio, “O Orgasmo e o Ocidente: Uma história do Prazer” do autor Muchembled (2007), o livro conta a história do corpo escondido, dos desejos proibidos e da carne blindada pelos tabus. Conforme o autor, é no imaginário do século XVII que se produz um demônio poderoso, oriundo da renhida disputa da contrarreforma. Antes da descrição do ponto G por Gräfenberg (1950) a discussão sobre o prazer condenaria o interlocutor a viver no inferno.

Ao longo da história, quando a Igreja percebe a heresia ganhar espaço, logo acena para as ovelhas desgarradas. Com os bancos das igrejas se esvaziando, a sociedade busca respostas na sofisticação tecnológica e se depara com o fenômeno do individualismo, da solidão por opção e do hedonismo como fonte de felicidade. Para o pontífice anterior, Joseph Ratzinger, o hedonismo divulgado na cultura da chamada sociedade do bem-estar, ameaça a cultura da vida. Em seu discurso, atribui ao hedonismo, ao niilismo e ao proselitismo de seitas a causa do enfraquecimento da vida cristã (MUCHEMBLED, 2007).

E como bem ressalta Sennett (2003), a Igreja costuma ampliar sua influência quando passa a controlar os corpos e estabelecer quais comportamentos são saudáveis ou não, como, por exemplo, a difusão da prática de esportes entre os jovens como uma forma de estimular

hábitos entendidos como saudáveis. Diante disso, o trecho a seguir, ainda em entrevista com Antônio, demonstra o impacto dessa política sobre os corpos:

[...] até meus 26 anos eu não sabia o que eu era, eu sabia que eu jogava rúgbi, eu sabia que eu sabia que eu sabia nadar e que eu não queria ser gay, isso eu tinha certeza absoluta. É difícil, é trabalhoso, é dolorido e é doloroso, você é colocado como um grau a menos que o ser humano [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Na Idade Média, especificamente a partir do século V, as imposições na sexualidade são uma estratégia de poder do Cristianismo, definindo a pessoa, pela reprodução, formando pares pela ideia de casamentos com proteção à propriedade, economia e Estado, segundo Jeffrey Richards (1993). Foi na França do século IX que a Igreja iniciou o longo processo de sacralização. Este último adquiriu a forma de estabelecer um controle sacerdotal sobre a cerimônia do casamento, que havia sido até então um assunto basicamente secular, uma questão de negociação e contrato entre famílias com o padre envolvido apenas de modo tangencial, geralmente para abençoar o leito matrimonial.

A sacralização envolvia também o cumprimento de novas regras elaboradas para aumentar o efeito estabilizador do casamento sobre a sociedade: o cumprimento das determinações de monogamia, indissolubilidade do casamento, a proibição do casamento até o sétimo grau de parentesco consanguíneo, o desincentivo ao segundo casamento e a promoção da ideia de consentimento por parte do casal que se unia (RICHARDS, 1993).

Nesse momento da nossa história fica posto o papel da mulher, conforme Jeffrey Richards (1993) cita que a mulher não tem poder, mas em tudo ela está sujeita ao controle de seu marido, estava meramente expressando uma das crenças universalmente aceitas na Idade Média.

Nota-se que desde a Idade Média, a mulher no seio familiar passa a ser controlada pelo homem, tendo a religião como centro do controle social, trazemos daquela época no inconsciente coletivo, onde o preconceito a tudo que se expressa ligado ao feminino, sendo esse uma das razões a descriminalização do público LGBT+, como podemos concluir com a afirmação expressa por Richards (1993) na sua obra “Sexo, desvio e danações”.

Na evolução histórica, no final do século XV, inicia-se a Idade Moderna, que perdura até o século XVIII. A Igreja Católica passa por uma série de reformas entre os anos de 1545 a 1563, em especial a que se passa na cidade de Trento, Itália, que assegura a fé como disciplina eclesiástica. Essas decisões foram várias vezes interrompidas por divergências políticas e religiosas, sendo esta reunião uma personificação da Contrarreforma, em oposição à Reforma

Protestante, que ocorreria no mesmo período na Europa. Sobre o Concílio de Trento, a obra “Dois em uma carne: Igreja e sexualidade na História” o contexto do Concílio e sua expectativa sobre o casamento:

O Concílio de Trento vem reforçar o casamento como sacramento, bem como a superioridade do estado de castidade e virgindade. Mas a reforma mais significativa de Trento, que reforçou os domínios da Instituição Católica nesse tema, refere-se ao caráter público da cerimônia do casamento. (PELAJA e SCARAFFIA, 2014, p. 7).

Nesse contexto e nesse período de reforma houve uma tentativa de disciplina da sexualidade de forma social e cristã, pois a regra era as práticas sexuais no matrimônio para fins reprodutivos. Sendo penitenciadas por confissões, sacramento da Igreja onde se julgavam as práticas fora desse contexto, sendo esta conduta um ato denominado como “desvio de comportamento”.

Seria particularmente difícil propor uma história de longo período da homossexualidade porque na elaboração jurídica e teológica inexistia a figura do homossexual. Embora trate-se de uma sociedade marcadamente cristã, no ocidente medieval, a convivência com certas práticas sexuais (iniciáticas muitas vezes), apesar de condenadas, não colocava grandes desafios as identidades sexuais socialmente reconhecidas (PELAJA e SCARAFFIA, 2014, p.169-170).

Dessa maneira, observa-se que a sexualidade na atualidade é constituída de traços da construção do pensamento desde a época Medieval, quando um sujeito cede a sua individualidade aos padrões estabelecidos no coletivo que não são condizentes consigo. Para isso, a fala do entrevistado Antônio, confirma esse pensamento:

[...] vou deixar claro para a plateia que está ouvindo também, não queria, então tudo era mais difícil. Lá vou eu para Nova York, isso foi nos anos 83, estava explodindo Nova York, estava tudo começando e eu queria ver o Empire State, eu queria ir no MOMA, eu queria ir nos museus dos Rockefellers porque eu estudo o lugar antes, então eu tinha essa curiosidade. Eu não queria voltar para a Espanha e ver a Sagrada Família, já conhecia aquilo, era chato, quero o modernismo. Chego lá tudo bombando, “gente, o que eu vim fazer nessa cidade cheia de viado? E quando não eram os gays eram as lésbicas, quando não eram as lésbicas eram as prostitutas, falei: “tudo é sexo nessa porra?”, era. Tudo era sexo. Era a época do sexo, (o ter e dar) sem fim [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Todas as tentativas de regradar, de disciplinar a sexualidade, ainda na Idade Moderna também perpassa a sociedade no que tange a economia e a política como afirma Foucault

(1987). No século XVIII, foi o surgimento da “população”, como problema econômico e político: população-riqueza, população mão de obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe. Os governos perceberam que não tem como lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com o “povo”, porém com uma “população”, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat.

Segundo Sennett (2003) a influência exercida pelos novos conhecimentos científicos anatômicos na formação do espaço urbano, foi uma revolução que teve início com o trabalho de Harvey (1578–1657), com a descoberta da circulação sanguínea no século XVII, revolucionando a forma como o homem observa o corpo ainda influencia o espaço urbano. O triunfo da liberdade individual de movimento, simultaneamente ao surgimento das metrópoles do século XIX, levou a um dilema específico e que ainda persiste: “cada corpo move-se à vontade, sem perceber a presença dos demais”.

As mudanças apresentadas na sociedade também interferem em como o Estado visa obter o controle social. Para tanto, há uma inovação nos critérios de classificação dos indivíduos, bem como suas características como grupos. Essas novas variáveis são elementos para a formulação de levantamentos censitários, itens fundamentais para a criação de políticas públicas direcionadas bem como ampliar as formas de controle.

E essa nova forma de fazer política interferirá diretamente na aceitação dos indivíduos pertencentes aos grupos minoritários, seja em relação às suas identidades de raça, cor ou gênero. E, conforme com a estrutura social certas movimentações de massa podem gerar reações de grupos historicamente privilegiados, conforme cita Foucault (2013). Para isso a entrevistada Roberta fala que:

[...] elas colocaram anúncio e vieram umas meninas brancas, mas italianos porque daquele lado ali puxa muito para os italianos, aí eu comecei a trabalhar como chefe delas, mas tinha uma que não me aceitava, ela estava sempre me queimando, cortando. Até que eu dia eu disse para ela: “mas vem cá, qual é o teu problema comigo?”, eu chamei ela em um canto, aí ela se virou para mim e disse: “tu acha que eu não percebi que tu é lésbica? Tu és lésbica e além do mais tu és negra e eu não vou deixar uma lésbica ou negra mandar em mim porque eu sou branca”, eu disse: “e daí? Qual é a diferença?”, “eu não aceito”, eu disse: “então, menina, tu me entregas aqui os produtos e tchau para ti”, aí ela saiu me xingando” [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

E essa aceitação está em constante disputa conforme sua construção é colocada diante de estigmas sociais cristalizados, conforme a fala da entrevistada:

[...] aí foi que eu percebi, disse: “mas é mesmo” porque até o momento eu não tinha problema por ser lésbica e ser negra. Nunca tinha sofrido nenhum tipo de preconceito. O pior veio depois, nós entramos em uma vila, casinhas de madeira e aí uma menina estava com problema lá, ela me chamou: “esse homem está me ofendendo”, aí eu perguntei: “mas por que o senhor está ofendendo ela? Ela está trabalhando”, “sai daqui negra, o que tu queres negra suja? ... aí foi que eu comecei a perceber essa questão da cor, porque até ali eu nunca me preocupei com a cor [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Tratar as relações de poder na modernidade não necessariamente é só pelo viés da violência, o que muitas vezes ocorre, mas no contexto estudado percebe-se que os efeitos de poder, muitas vezes mais efetivos se conseguirmos extrair do corpo o máximo de utilidade e docilidade. E como essas relações estão impregnadas no tecido social, conforme a fala do entrevistado Bernardo, idade 61 anos, branco e gay cisgênero:

[...] ele se preocupava no hotel: “não sei, porque a gente vai pegar cama de casal”, eu falei: “não, senhor, em cama de casal eu não fico”, então era muito comum a gente chegar no lugar, a pessoa falar: “é um quarto duplo?”, “não, é um quarto de casal. Naquela época a gente teve, não vou lembrar a cidade, mas era uma cidade pequena aqui do interior de São Paulo, eles disseram: “se vocês quiserem, vocês juntam a cama”, eu falei: “não, senhor, vocês fazem isso com casal hétero?” [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

A obra “A história da sexualidade”, volume I, o autor Foucault (1987) inicia tratando sobre a era Vitoriana no início do século XIX. Um período de contrassenso na luta de um estado absolutista e a família sendo fonte de uma nação forte. E uma ruptura de como pensar e agir, nesse período que a religião deixa de ser um estado político, onde a homossexualidade vira crime, já querendo falar de um mundo que começa a cercear corpos de acordo com a estética moral da burguesia com muita força, promovendo a todo o tecido social o direito de exercício de micro poderes a serem exercidos contra os corpos rebeldes. Essa negação das sexualidades dos corpos dissidentes pode ser observada ainda na fala do entrevistado:

[...] se quiserem vocês juntam a cama”, eu falei: “não, vocês fazem isso para um casal hétero”, “não, mas é diferente”, eu falei: “não tem diferença nenhuma, ou vai assim ou a gente não fica, vamos embora”, pegamos as coisas e fomos embora. E ele ficava puto, ficava esperando, olhando para a cara dele, ele não falava nada, então falo eu, não é? E pirralho. Depois eu tive esse mesmo problema em outras circunstâncias, em outra viagem com outra pessoa [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Nota-se no contexto de Foucault (1987) que tratar um poder produtivo pela abordagem positiva, não no sentido de bom, mas entender o que produz esse corpo e não o que o condena. Sabemos que para o autor antes o poder funcionava por meio jurídicos, agora ele funciona

também pela normalização como corpos padrões e o surgimento das Ciências Humanas, onde o homem é o objeto do conhecimento como base para a psiquiatria, psicologia entre outras no século XIX.

Esta ciência surge pelas práticas disciplinares na ideia de normalizar os corpos, mas ainda na época clássica houve a descoberta do corpo como alvo do prazer, onde diversas técnicas do saber e como entender como esse corpo funcionava, seus gestos, seu movimento numa coleção que continua trabalhando ao máximo a eficácia do movimento.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Entorno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2013).

E esse permear de vigilância aos corpos promovido pelo Estado e rapidamente absorvido pelo corpo social dotado de poder de repressão interferirá diretamente nos comportamentos dos grupos marginalizados, cujas experiências passam a ser reguladas pela aceitação do status vigente.

No relato abaixo, notamos que a pessoa foi apresentada às atividades de turismo quando as viagens fizeram parte de seu trabalho, devido ao menor acesso a esse serviço nas ocupações anteriores. Essa apresentação lhe trouxe novas descobertas e desejos. E esse novo mundo descoberto passou a ser uma forma de escape conforme já abordado por Zeldin (2008) em que o ser busca uma realidade distinta de seu cotidiano:

[...] experiências de viagem eu fui adquirir quando eu trabalhei nesse serviço e agora essa última experiência que eu tive que eu fui aí para São Paulo. Nunca tinha aparecido a oportunidade, mas eu acho também que eu casei muito cedo. Eu trabalhava em um serviço em que eu era afiadora de serras, eu trabalhava em uma metalúrgica e eu me sentia presa ali dentro, eu sentia que eu tinha que viajar, eu tinha que sair, mas ao mesmo tempo eu tinha a esposa, entendeu [...]
(Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Para corpos marginalizados ou subjugados, a busca por um ideal de viagens envolve a concepção idílica de um lugar em que suas ações não estarão sob constante escrutínio público, seja por uma maior aceitação de sua condição coletiva e conseqüentemente, menor repressão a este corpo. O viajante, no caso, busca seu direito ao espaço em um ponto em que as lutas de sua identidade estão em estágios mais avançados de conquistas.

Parte dessa busca por um lugar de fuga ocorre quando a moral da sexualidade começa a ser construída sob a ótica da ocupação dos espaços públicos, já que neste período a sexualidade

não poderá se apropriar do espaço quando se sanciona quem pode fazer e o que pode ou não fazer, a chamada governança das micro condutas. Nesse aspecto, as contribuições de Foucault (1987) e Sennet (2003) são importantes para o entendimento do controle social no espaço público.

A concepção da atividade do corpo na experiência do espaço parte de uma aceitação de que as relações de poder são relações sociais de dominação. Pode-se concluir que a forma dos espaços urbanos deriva das vivências corporais específicas de cada povo, uma vez que o entendimento a respeito do corpo que temos, precisa de mudança.

Partindo dessa ótica, o esboço dos destinos turísticos pelos grupos aqui estudados também envolve a participação e o entendimento dessas lutas e vivências, de forma a entender todo o processo de ocupação e resistência e como esse conhecimento a ser adquirido poderá alterar o curso de sua rotina através de movimentos ou uma maior aceitação de sua própria realidade.

Ao abordar o cenário apresentado, é preciso entender que todos os atores estão em constante movimento e suas lutas vão remodelar os espaços públicos. O Estado, por sua vez, também se movimenta nesse mesmo espaço com o intuito de ampliar suas formas de controle. Agora é a gestão da saúde, da higiene, da habitação, das ruas e avenidas, da alimentação, da natalidade, da sexualidade, da expressão, das trocas econômicas, que se converte em novos desafios políticos dos poderes locais, conforme apresenta Foucault (1987, p.173).

Mas como podemos entender esse exercício de poder sobre os corpos? Como se dá essa imposição e de que forma exista aceitação e rejeição desses pressupostos? Como as questões apresentadas por Foucault podem ser observadas nos indivíduos? Sobre a ideia de higiene no controle de corpos, cabe observar o relato do Antônio:

[...] só que foi a época que todo mundo pegava todo mundo, menos eu porque eu era cheio de nojo. Fora isso, eu era o nojento, “encostou a mão, aí”, é que não tinha álcool gel ainda. Beijar na boca não, vamos esperar inventar o Listerine. Eu acho que o problema não era saber ou não saber, nunca liguei para isso, eu nunca me importei com a opinião alheia. O problema era eu me aceitar. Acho que pior do que ser gordo, é ser gay. A chave virou depois, porque eu voltei para o Brasil, porque eram férias [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

O contexto demonstra que, apesar de nos tempos recentes a heterossexualidade ser apresentada como a normalidade a ser seguida, as formas distintas de relacionamento buscaram seu estabelecimento na forma da lei. Mas essa busca por reconhecimento também envolve conflitos que podem ser ou não coerentes com as características de seu tempo. Até por uma

maior interconectividade das ideias globais, muitos dos avanços conquistados por grupos minoritários também podem ser observados em sociedades conservadoras. Temos como exemplos atuais a retirada da homossexualidade como doença em meados dos anos de 1990 e a mudança do Cid da Transsexualidade no ano de 2019. Apesar disso, é comum detectarmos ainda um pensamento cristalizado, de forma universalizada, como também pode ser constatada na fala do Bernardo:

[...] e outra coisa: pensar que chinelinho não é um 34 e outro 41, são 2 chinelinhos tamanho 41. Isso aconteceu em hotel, eu liguei na recepção e falei: “tem 2 homens aqui, um calça 42 e outro 41, o que que vou fazer com esse 37?”, “ai, senhor, desculpa”, aí você entende que a gente precisa passar por isso? [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Convém ressaltar que as chamadas lutas identitárias não são recentes. No mundo ocidental, em meados da década de 40, foi no questionamento do modelo binário homem X mulher, sobretudo nos estudos de Beauvoir, com seu livro “O segundo sexo”(BEAUVOIR, 2009), que as relações de poder entre gêneros marca a autora de uma nova etapa do feminismo, em oposição às teses positivistas e ao determinismo biológico, bem como o questionamento das teses eclesiásticas que indicavam um caráter bíblico nessas relações.

A partir de uma concepção hegeliana, Beauvoir propunha uma separação entre os componentes sociais e biológicos nesse entendimento. E os estudos da autora vão influenciar os demais grupos em suas próprias lutas, visto que agora possuíam argumentos para contestar uma relação natural imposta pelo conjunto social para o exercício do poder. Como a disputa pelo espaço público é uma arena em que todos os grupos estão em movimento é possível observar a tentativa de controle social desde a tenra idade em espaços públicos, como podemos observar essa reflexão presente na fala do entrevistado:

[...] no colégio, porque eu via meus amigos... aquela coisa de adolescente, começar a namorar, começa a ter aquele grupo de amigos misto e eu pensei: “não tenho interesse por elas”, às vezes por eles, mas também não tenho por eles. Eu já entendia que eu não queria gostar de meninos. Aí que eu fiz? Eu me bandeiei para o lado dos meninos, vamos fazer esporte, vamos jogar bola, vamos ser o centro das atenções, quem sabe é o que eu preciso. E vindo de uma família de imigrantes, com pai militar [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

A separação dos aspectos sociais de biológicos também trouxe luz ao entendimento do corpo como construção, movimento. Interessante percebermos na nossa história que os estudos

de gênero se iniciam pelo modelo posto pela sociedade determinado como heteronormatividade, analisando o comportamento hetero, binário desde do surgimento do mundo e não sobre o olhar das diferentes orientações sexuais, hoje, identificadas na sigla LGBT+, conforme está presente na fala da entrevista Sheila, idade 60 anos, mulher transgênera branca, a seguir:

[...] eu não tenho uma identificação de gênero - nem travesti, nem transexual. Eu não consigo ter essa identidade como mulher trans, como mulher travesti, como a mulher cis. Eu me classifico como ser humano, que eu prefiro não ter identidade sexual nenhuma. Era até uma justificativa bem legal: eu levei dez anos de hormonização num processo para assumir o meu corpo de mulher, o meu corpo que eu queria - que eu tinha um corpo masculino - porque eu pensava como mulher, eu tinha uma alma feminina e não conseguia entender isso, mas eu também não me identificava com a travesti, com a mulher cis, não-binária [...] (Entrevistada – Sheila).

Mas qual o lugar dos corpos não aceitos socialmente na sociedade que os reprime? Qual o seu entendimento de mundo e como se constrói seu pertencimento? Na transcrição abaixo, apresenta-se um bom entendimento de como os corpos tidos como abjetos entendem o mundo ao seu redor e como eles constroem suas individualidades conforme os obstáculos que lhe são colocados como está presente na fala da Sheila a seguir:

[...] eu falava: “eu sou muito louca, que não sou desse planeta”. E com essa hormonização que eu fui me tornando, eu encontrei várias dificuldades, várias portas se fecharam, e aí foram se fechando, porque até então...naquela época - que era 1980 a 1990 - não tinha essa visão que se tem hoje. Então, tudo era muito mais difícil, tudo era muito mais complicado. A maçã era mais alta para você pegar. E quando eu assumo como mulher transgênera, eu preferi... bom, não quero participar de gênero nenhum, quero ter essa identidade minha pós-gênero, porque eu não quero carregar nenhum tipo de bandeira, eu quero, pelo menos para quem me conhece, dizer: “seja o que você queira ser, seja feliz com peito, sem peito, com cabelo, sem cabelo. Dê vida ao que está dentro de você, ao teu anjo” - eu sempre falava isso, essa persona [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Conforme já retratado anteriormente, os estudos mais recentes de gênero, em especial aqueles conduzidos por Preciado (2004, p.143) não tratam mais sexo como prática, nem mesmo no lugar biológico, sim, como uma tecnologia de supremacia heterossocial “[...] o sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva, motriz, visual, tátil olfativa [...]” que identificamos depois como centro naturais e anatômicos da diferença sexual. E o caminho da aceitação de si mesmo por vezes se choca com a

necessidade de aceitação social, conforme a visão de disputa de arenas públicas e o controle social desses conflitos (Sennett, 2003; Foucault 1987), como podemos observar na fala de Sheila:

[...] porque eu começo a me hormonizar, e eu não lembro o nome daquele filme daquela trans masculina que {*Boys Don't Cry*} com a máscara, que vem com uma faixa para esconder os seios - durante muitos anos, eu andei de faixa no peito, porque eu dava aula na PUC, ali na Artes do Corpo, no TUCA, e era, o Pablo, eles nem tinham essa coisa, mas eu ficava com medo de eles descobrirem que eu estava me hormonizando, porque o meu peitodesenvolveu muito rápido. Durante muitos anos, eu usei camisa de dois bolsos com a faixa e uma camiseta para poder não assumir que eu era [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Outrora estigmatizados ou invisibilizados, essas novas configurações da relação corpo/sexualidade também dialogam com as mudanças observadas na sociedade como na academia. Paradigmas estanques, monolíticos, característicos de uma lógica positivista, cedem lugar a novas formas de produção do conhecimento e de diálogo entre universidade e sociedade. Nesse contexto, a crise também cria o caldo cultural necessário para sua superação.

Mas como podemos comparar situações e condições de vida distintas? E como o grupo é distinto em si, muito de sua realidade de acesso aos serviços poderá estar em consonância com a faixa de consumo ao qual o indivíduo faz parte sem, no entanto, deixar de estar em conflito com a realidade de seu grupo. Para um melhor entendimento dessa realidade, vejamos o relato abaixo:

[...] eu sou de São Paulo, sou formado na graduação, a primeira em educação física com especialização em natação para deficientes, com formação em uma universidade na Inglaterra em um método específico, e a minha segunda é hotelaria com ênfase em gestão de serviços e gestão e produção de alimentos na cozinha de um hotel. Fiz essa especialização, esse mestrado na Universidade de Limerick na Irlanda, aí voltei para o Brasil, me tornei chef de cozinha, tive um pastificio por 20 anos, onde eu desenvolvi uma marca e desenvolvi o produto, a massa fresca. Aí cansei, falei assim: “chega, vou tomar sol [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Segundo o INEP (2019) apenas 20% da população entre 25 e 34 anos possui alguma formação em ensino superior no Brasil. De acordo com o mesmo levantamento, 40% dos ingressantes em cursos superiores pertencem aos 20% da população com maior poder econômico e, no mesmo ano, apenas 5% dos ingressantes eram oriundos do estrato 20% mais pobre. Mais interessante é que, segundo o Núcleo Brasileiro de Estágios, 50% dos formandos não encontraram trabalho logo após a conclusão de sua formação e, dos empregados, apenas

20% estão em sua área de formação. É perceptível nessa fala um lugar de privilégio onde lhe foi permitido buscar diversas formações, até mesmo experiências internacionais, buscando um aperfeiçoamento profissional, podendo muitas vezes preencher lacunas para que não se questionasse por muito tempo sobre sua sexualidade, como continua em sua fala:

[...] tenho 60 anos. Até meus 26 anos eu não sabia o que eu era, eu sabia que eu jogava rúgbi, eu sabia que eu sabia nadar e que eu não queria ser gay, isso eu tinha certeza absoluta. É difícil, é trabalhoso, é dolorido e é doloroso, você é colocado como um grau a menos que o ser humano. O que mais? Você tem que provar que você sempre é melhor e é bom. Nunca tive esse problema porque eu sou muito bom e sempre fui muito inteligente, então esse tipo de opinião eu colocava de lado porque o meu QI é de 128, eu sinto muito “população”, vocês vão ter que lutar por isso agora. E depois me casei, fiquei casado por 33 anos. Estou sozinho há 3 não por opção, mas pela viuvez [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Em atenção ao apresentado pelo entrevistado, precisamos discorrer sobre o acesso às oportunidades: uma melhor capacitação e formação profissional garante uma menor vulnerabilidade ao desemprego por parte do cidadão, propiciando ao mesmo melhor acesso aos meios de consumo e serviços. Ao gerenciar o controle social e sua mobilidade, o Estado permite reduzir ou amplificar suas caixas de ressonância, mantendo ou modificando o tecido social.

Diante da complexidade proposta pela temática e pelas condições em que os grupos pesquisados se propuseram a participar contando suas memórias relacionadas à pesquisa, cabe aqui explorar as possibilidades teóricas mais recentes no campo das humanidades, bem como suas ferramentas de pesquisa. Para trazer a luz necessária ao entendimento das novas configurações sociais e sua relevância como corpo político.

Apesar do contexto político específico, os idosos provenientes de grupos minoritários que enfrentaram contextos distintos no Brasil. Desse modo, diante da complexidade da temática de investigação, referentes aos relatos de memória, foi proposto ao grupo pesquisado condições específicas para participar do estudo, conforme o termo de consentimento livre esclarecido.

Ao percorrer a epistemologia da produção do conhecimento em turismo e como o saber abordou o tema em período recente, procurou-se nortear quais nossas “bússolas apontam”; e, pretensiosamente, se apropriar das discussões recentes em outros campos do saber para, enfim, dar a sua própria contribuição ao desenvolvimento de pesquisas futuras, assim como a própria consolidação do turismo como saber, como deve ser toda proposta de caráter exploratório.

O Turismo, como fenômeno, é capaz de transformar o espaço no qual está inserido, ressignificar e resgatar valores culturais e propor uma transformação positiva desse espaço. Em uma sociedade permeada por desigualdades e iniquidades de acesso, o diálogo proposto entre

a academia e a sociedade para sua superação visa trazer novos olhares aos próprios conteúdos abordados pelo saber em questão, assim como elaborar novas formas de se fazer o Turismo (DIAS, 2003).

Ao se abordar a memória, é preciso detalhar que a mesma poderá se dividir em Memória Semântica e Memória Episódica (SANG, 2016). A primeira pode ser definida como uma biblioteca de símbolos, significados e referências, algo como um manual ou dicionário de termos e condutas dos indivíduos ou grupos. Já a Memória Episódica se refere aos conteúdos vivenciados pelo indivíduo e possui certa estrutura narrativa. Por revelar experiências de eventos passados, capaz de construir uma narrativa pessoal, também reflete a memória coletiva dos momentos vividos e ao qual ele se sentiu parte e possui conteúdo dinâmico conforme ocorre a construção do indivíduo. Por aprofundar valores e ter caráter narrativo, a Memória Episódica será a escolhida para trabalhar os relatos presentes na pesquisa.

Para Pasupathi, Mansour e Brubaker (2007) o senso de identidade pessoal oriundo dessa memória oferecido ao narrador permite compreender a constituição de seu ser em um longo período, permitindo a este refletir seus valores e traços de caráter. Para estudos qualitativos em turismo, o armazenamento de eventos passados (SANG, 2016) podem ser revividos e estudados seus impactos na satisfação do usuário. Esse imaginário criado pelo indivíduo, ao qual chamamos de nostalgia, permitirá a criação de paisagens turísticas ou imagens mentais, cujas referências serão fundamentais para a produção de conteúdo para a indústria do Turismo.

Uma busca em arquivos acadêmicos nos apresenta uma produção cada vez maior de estudos sobre sexualidade como também de envelhecimento e a relação com as memórias das viagens. Paulatinamente, muitos gerontólogos afirmam que um envelhecimento com uma sexualidade mais ativa é fundamental para um envelhecimento saudável, como cita Ortiz (2021). Os idosos tendem a se firmarem como um segmento influente no debate das questões nacionais. Cabe lembrar que nos estudos sobre o envelhecimento LGBTQ+ existe pouca produção acadêmica, considerando uma escassez de dados demográficos no Brasil onde tabulem porcentagens de idosos brasileiros que vivem diferentes orientações sexuais, como cita Silva (2021).

Para podermos analisar as memórias dos entrevistados, sobre suas experiências de viagens, deveremos lembrar que estes idosos LGBTQ+ de hoje, passaram por uma Ditadura cis-hétero-militar no Brasil em sua infância/adolescência, cujo perfil autoritário tinha uma de suas premissas o controle dos corpos indesejáveis, bem como uma apologia a um perfil heterossexual de gênero. De acordo com Ortiz, (2021, p. 01) “[...] o resultado de tal repressão, operam o medo da rejeição e da perseguição onde o receio de admitir sua orientação para si mesmo era

pungente”, a fala da autora é direcionada a reflexão do Bernardo a seguir:

[...] um dia nós estávamos descendo, eu lembro disso que era em Olinda, a gente estava descendo uma ladeira de Olinda e passou uma senhora e ficou olhando a gente, eram 3 pessoas que estavam passeando, turistas, ela olhou para a gente e falou assim: “eu gostei mais da loirinha, a mais bonita” e era eu, então eu sei que a minha aparência ficava muito feminina e atraía muita gente por causa dessa história de parecer feminino e que depois iam embora porque eu não era delicado quanto a aparência dizia, então tem essa característica [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Conforme Le Goff (1984) e Pereira (2018), a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio e de sua própria apropriação do espaço, isso é confirmado na fala da Roberta:

[...] e era muito legal, porque o trem ia até Rio Pardo, passava por Pântano Grande, mas não tinha estação, a estação era Rio Pardo, na cidade do lado, então a gente descia em Rio Pardo, subia a lomba e pegava o ônibus na rodoviária para voltar para Pântano Grande. Era uma meia hora mais ou menos e você já estava em Pântano Grande. E essa era a viagem que nós fazíamos [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Para Lara (2016) estudar os elementos que constroem e constituem a memória se faz deveras importante, pois a mesma está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. A partir de tais aspectos podem-se reconhecer os acontecimentos passados e ainda conservar as informações que nos são relevantes tanto à preservação quanto à rememoração. Sobre a pesquisa dos locais a serem descobertos cabe a leitura ainda na fala de Roberta:

[...] eu fui a legítima pessoa que foi viajar pela primeira vez, conhecer São Paulo porque aí é enorme, eu acho que um bairro aí de São Paulo é Porto Alegre aqui inteiro. Por exemplo, daqui onde eu moro até o centro é meia hora e lá por exemplo, o Rogério morava no centro, então eu estava no centro, mas depois eu fui para a Juciara e para a Judith, para chegar até o centro era duas horas de carro. Eu fiquei pasma com o tamanho da cidade. O que mais me surpreendeu foi o tamanho da cidade de São Paulo [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Conforme podemos observar no relato, a liberdade de circulação sem restrição ou imposição aos corpos permite um melhor entendimento do espaço urbano, bem como, a sua devida apropriação, independente da sensação de escala observada. E a liberdade de ocupar os espaços públicos ou a imposição de restrições contribui para a construção de um imaginário

social sobre o que ou quem pode ocupar o local. Roberta em sua fala traz ainda uma identificação sobre a memória de sua viagem conforme relatado abaixo:

[...] eu andei de metrô porque aqui nós temos metrô por cima, terrestre, aí não, aí é por baixo. Me perdi, era para descer pela porta direita e eu desci pela porta esquerda do metrô, eu olho assim: “cadê elas?” porque eu estou com um problema de visão e eu não vi que elas desceram para o lado de lá e eu desci para o lado de cá, “e agora meu Deus?”. Eu quase que entrei no trem para atravessar, disse assim: “não, essa porcaria pode fechar a porta e me trancar no meio da porta e me partir no meio”, foi o que eu pensei e elas lá do outro lado apavoradas, “pronto, agora a Tânia pega o trem e vai parar lá não sei onde”, coisa de gaúcho que não conhece São Paulo [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

De acordo com Lara (2016) e Le Goff (1984), a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. Isso é confirmado nas falas das entrevistas com o casal formado por Maria 69 anos, mulher branca, lésbica cisgênera, e Carla 74 anos, mulher branca, lésbica, cisgênera, a seguir:

[...] não sei para ela, mas para mim, foi uma viagem que nós fizemos e conhecemos quatro estados do Nordeste, e nós passamos 12 dias juntas com o pessoal, todo mundo junto. Para mim, foi maravilhoso, foi uma turma muito bacana, a gente se sentiu à vontade com o pessoal. Eu não notei - mesmo sendo uma época muito atrás - nada de homofobia do pessoal que estava com a gente dentro do ônibus. Então, eu achei que foi muito bacana. Porque nós pegamos um voo em São Paulo e descemos em Fortaleza, e depois nós viemos fazendo a região toda até chegar na Bahia. Nós ficamos 12 dias juntas com esse pessoal. Para mim, foi muito bacana. Agora eu não sei para ela - nós já fizemos também passeios de navio, acho que foi muito bacana - qual foi o para mim, foi esse. Era um grupo diverso, mas nós ficamos 12 dias juntos - cada um pegou o seu voo, mas depois, no retorno até Salvador, nós viemos juntos [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

Sua companheira Carla corrobora a visão sobre o episódio e também acrescenta outras passagens do casal. Os relatos apresentados estão de acordo com os pressupostos teóricos de Sang (2016) que diz que as memórias episódicas são também coletivas:

[...] realmente, essa viagem marcou muito, porque as pessoas eram muito legais - todos eles. Não teve um que... essa viagem foi demais. E também os cruzeiros que nós fizemos foram muito bons [...] (Entrevistada – Carla, 69 anos).

O caso acima, nos mostra que, por vezes, um acontecimento que acaba por envolver um

contexto familiar pode também ter impacto direto na construção da memória. De acordo com Le Goff (1984), estudar os elementos que constroem e constituem a memória se faz deveras importante, pois a mesma está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. No que diz respeito a experiência turística, Tung e Ritchie (2011) analisam a relação das memórias de viagens com a construção das identidades, enfatizando que as memórias relevantes para o *self* são constantemente reativadas e recuperadas nas biografias dos sujeitos turísticos. Por isso, a memória está em constante disputa como no relato de Bernardo:

[...] a gente foi de avião. Não fomos de carro por causa do tempo, de carro eu consegui ir com ele para Natal, a gente ficou viajando uma semana para lá, para chegar. E lá tem um monte de praia linda por perto, pega o carro e vai, foi muito legal, uma viagem linda essa. Mas quando a gente voltou, não sei o que houve no meio da viagem, foi comigo, eu tenho certeza. Acho que eu vi tanto corpo bonito, tanta gente diferente que eu fiquei com vontade de ter mais gente, acho natural, um menino de 21 anos e eu não tinha maturidade para entender isso dentro de uma relação, só conseguia entender isso se eu estivesse solteiro, sozinho. Foi isso que aconteceu, depois de um tempo a gente se separou [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

A partir de tais aspectos podem-se reconhecer os acontecimentos passados e ainda conservar as informações que nos são relevantes à preservação, rememoração.

[...] para mim, é a tranquilidade que a gente passa juntas - nós duas juntas - conhecer os lugares, desfrutando da beleza que o país tem e que a gente pode desfrutar. E a tranquilidade - muito bom você levantar de manhã e tomar um café junto, voltar, se arrumar para ir passear e conhecer os lugares juntas. Nossa, a gente fica [...]o ano passado, a gente foi para Porto de Galinhas, nós fomos conhecer a Praia de Carneiros, que nós não conhecíamos - eu achei aquilo maravilhoso. Só nós duas passeando de mão dada. Agora a gente já pode até passear de mão dada - nós duas de mãos dadas - conhecemos uns lugares maravilhosos [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

A função da memória não diz apenas sobre o presente do indivíduo, mas também com a sua construção identitária. Sang (2016) menciona a relação entre memória e viagens, sendo que para o autor a memória turística remete ao armazenamento de experiências de viagens passadas. Por vezes, as lembranças estão vinculadas a marcos pessoais sobre o que o indivíduo entende ser o que é hoje e qual foi o caminho traçado até esse ponto, de acordo com a fala do entrevistado a seguir:

[...] viajava, viajava com os amigos da escola, a gente fazia pequenas viagens para o litoral, tinha o pai de um amigo que tinha uma casa na Praia Grande por exemplo, a gente ia de bando, foram as primeiras viagens que eu fiz sozinho,

com os amigos. E nesse período também, aos 14 anos aconteceu uma coisa curiosa comigo, eu era um adolescente muito medroso, tinha medo de tudo, aquela coisa talvez do adolescentezinho gay que sente uma estranheza, mas eu não vou computar isso para esse canal, e eu tinha muito medo. Então eu resolvi aos 14 anos em um colégio interno que eu ouvi falar, que era perto de Piracicaba, um colégio agrícola porque eu achava que lá eu ia aprender a me defender, ia fortalecer. E realmente foi isso que aconteceu, lá eu aprendi a beber pinga, lá eu aprendi a brigar, eu não tive relação sexual lá mas eu aprendi o que era tesão, desejo por homem e por mulher, porque era misto e eu voltei transtornado, segundo a minha mãe porque eu fui um, depois de 9 meses eu desisti e voltei outro, voltei muito mais agressivo, mas sem medo, mais destemido e tal [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Por outro lado, viagens que refletem a qualquer tipo de coação sofrida durante essa experiência, ou até mesmo violência física, ou simbólica, devido às práticas heteronormativas presentes nos destinos turísticos, podem acionar memórias que desmotivam a busca por novas vivências turísticas no presente. As abordagens de Pollak (1989) e (1992) e Queiroz (1996) sobre a construção da memória nos concede alguns elementos para o estudo das memórias de grupos dominados, situados em situação de exclusão, cujas memórias são constantemente objeto de disputa e de busca de imposição de significados diferentes daqueles produzidos pelos por seus próprios participantes. Conforme Xu *et al.* (2021) as memórias turísticas, por meio das narrativas, reconstroem e avaliam as experiências passadas. Ao realizar esse processo, os sujeitos turísticos confirmam suas identidades e nostálgicas, visto que a nostalgia faz com que os sujeitos revisitem determinados lugares, como evidenciado na fala da entrevistada Sheila.

[...] eu tenho um fato muito louco na minha vida. Quando eu coloquei peito, em 2004 - coloquei a prótese, porque fiquei muitos anos com peito de hormônio, só hormonizado [...]. Só que eu não aguentava mais isso. Em 2004, eu falei: “vou colocar a prótese” [...]. Aí quando eu coloquei peito, eu já tinha, na cabeça, que tinha que ir para a Europa, como toda travesti [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Mas quais ações podem ser efetuadas para grupos historicamente oprimidos se sentirem acolhidos em um determinado destino turístico? Que detalhes na arquitetura, nos serviços e na paisagem podem ser entendidas como acolhedoras e trazer ganhos de hospitalidade? A história dos povos e dos lugares está repleta de camadas, que poderão ser abordadas pelos profissionais do turismo ao oferecer um produto aos diferentes tipos de clientes. E cada uma dessas camadas vai chamar a atenção de um determinado indivíduo ou grupo conforme a paisagem dialogue com sua própria história. Porém, para se apropriar desse espaço, torna-se necessário que o mesmo não seja hostil à sua presença. Na fala seguinte vemos alguns detalhes onde os espaços

públicos ser pouco acolhedores ou até mesmo intimidadores:

[...] Aí o que aconteceu? Quando eu coloquei o peito e fui viajar direto, quando eu cheguei no aeroporto, eu tive que, pela primeira vez, ir ao banheiro feminino, e eu nunca tinha entrado num banheiro feminino fora do meu habitat. Eu falei: “meu Deus do céu”. Quando eu cheguei no Aeroporto de Guarulhos, eu estava muito tensa porque ia viajar, estava emocionalmente alterada, falei: “vou ter que ir ao banheiro”. Aí quando eu cheguei, quase eu entro no banheiro dos homens, aí falei: “não, agora não posso”, aí foi esse bum, aí cai a ficha, aí faz eu realmente [...] (Entrevistada Sheila, 60 anos).

A memória constitui também um espaço de divergências e confrontos, esquecimentos e silêncios, de práticas individuais e sociais e dos espaços de apropriação. As estratégias de dominação são mecanismos reveladores de manipulação da memória coletiva como instrumento de poder. Reconfiguração e recuperação das distintas visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais, como apresenta a fala a seguir:

[...] você tocou num assunto que acho que foi a primeira pessoa a perguntar, e eu nunca tinha parado para pensar nisso. Tinha um receio, porque, como toda travesti, eu não fui sozinha, eu fui com uma travesti que já morava lá - mas não foi cafetinagem, ela não me cobrou nem nada. Ela foi uma grande influência na minha vida, e quando ela me leva para lá, ela fala para mim, como a maioria das travestis - não sei se ainda hoje tem isso - que elas não conseguiam ir direto... hoje, você pega um voo, você vai uma carta de referência, uma carta de (quitação) [00:30:24], você pode entrar por Madrid [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

E como foi a experiência na Europa? Pelo que foi possível observar no depoimento anterior, muitas das experiências estão diretamente ligadas ao corpo e suas sensações em um ambiente que faz questão de transformar sua História em concreto. E como suas características físicas se enquadram em padrões estabelecidos no continente que primou por estabelecer padrões para o mundo? Sem contrapor a sua fala corroborando com a crítica à estética eurocêntrica, sobretudo as questões que envolvem racialidade, observamos o trecho seguinte sobre a questão dos privilégios:

[...] só que existe até hoje isso: eu era loira dos olhos azuis, eu não sofria aquela opressão, aquela pressão; e minha amiga que estava comigo, quando chegou em Milão, na rodoviária de Milão, a gente morrendo de medo, porque a pessoa que estava levando a gente dizia: “aqui, agora, vocês evitam olhar muito para a frente, porque a polícia pode pegar vocês”. E eu me lembro que a gente, duas caipiras, duas pessoas sem saber o que estavam fazendo na Europa direito, chegam dois policiais lindos, aqueles italianos lindos, e pegam minha amiga e deportam. Para mim, eles nem olham, porque loira, e minha

amiga era morena [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Algum relato ou experiência ruim de amigos e amigas que tentaram seguir o mesmo caminho traçado? No trecho acima, a entrevistada fala de experiências desagradáveis vividas por ela ou companheiro(a) (s), que acabaram por trazer questionamentos sobre o caminho a ser traçado dali por diante. Alguns dos motivos para seu temor podem ser identificados no relato a seguir, que demonstra algumas experiências traumáticas vividas em uma de suas viagens. Nota-se que em alguns aspectos a sobrevivência se atrela a questões culturais como crença, raça ou conhecimento do perfil alfandegário do país:

[...] aí eu sofro outro trauma na minha vida. Estou em Tenerife, o Luís me leva para Tenerife, eu me dou bem em Tenerife, eu querendo puxar uma amiga minha, eu falo: “Tenerife tem dois aeroportos, o norte e o sul. Você não pode descer no aeroporto sul porque é deportada. Compra passagem para o aeroporto do norte”, aí ela me comprou do aeroporto do sul, e estou esperando ela no aeroporto norte. Quando ela chega lá, é deportada, e aí foi outro trauma na minha vida, porque eu falava: “mas como as travestis são deportadas, como elas não conseguem e eu consegui? [...] (Entrevistada Sheila, 60 anos).

Parte da pergunta feita pela entrevistada poderá ser respondida pelas próprias leituras feitas nesse texto. Apesar de uma sexualidade dissidente, a questão religiosa prevaleceu na percepção da entrevistada, quando em seu relato ela traz outra experiência ruim:

[...] mas aí eu acho que é uma questão também de você estar dentro da sua fé. Acho que a fé remove tudo na vida. Sempre tive muita fé, porque, em Tenerife, eu morria de medo; quando eu via a polícia, eu falava Nossa Senhora da Aparecida deve estar assustada comigo dessa época, porque eu vivia muito e sempre tinha muita fé, e sempre tive muita fé também nessa coisa da proteção da minha mãe, que eu vivia dizendo para a minha mãe: “mãe, reza por mim”, e eu acho que essas coisas... porque são coisas pequenas, detalhes pequenos que fortalecem o ser humano, porque acho que, independentemente de qualquer crença, nós precisamos ter fé – não crenças, mas fé [...] (Entrevistada Sheila, 60 anos).

Conforme vimos, as experiências de viagens acionadas pela memória não se restringem a um momento específico, mas contempla várias situações outrora vividas como também permeiam outros elementos da identidade. Para Le Goff (1984 p.471) “[...] a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que, a própria identidade de uma sociedade, realiza certas seleções da memória, e ainda, dá forma às predisposições que vão conduzir o indivíduo

a incorporar alguns aspectos particulares do passado, conforme ainda na fala de Sheila:

[...] as viagens que me marcaram muito foram quando eu retorno para cá, e aí alguns amigos, alguns alunos - as minhas crias, que eu sempre falo, do teatro - me convidaram para fazer um espetáculo do Guimarães Rosa lá em Maceió, e eu fui dirigir Sorôco, sua mãe e sua filha, a terceira margem do rio, num circo lá em Maceió. E foi a primeira vez que a Esther estava dirigindo, e fui dirigir num circo. E aí fui muito tímida, por incrível que pareça. Eu sempre tive muito pudor, e esse pudor talvez viesse da criação mineira, esse medo do enfrentamento do mundo. Quando eu chego lá em Maceió, que o Marco Antônio que me convida, que fazia parte da parte cultural de Maceió, ele fala: “só que é um circo, nós vamos fazer esse circo itinerário [...]” (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Mas quais foram os elementos presentes que tornaram a memória do acontecimento tão especial, tão relevante para a entrevistada? Na descrição a seguir, muito do que chamou a atenção da entrevista Sheila está ligada às memórias de infância, de episódios que associou a lazer e diversão, mas também reviver passado ou presente pode não ser interessante conforme algumas leituras individuais.

[...] quando eu entro para apresentar: “Marco, eu não tenho público”, aí ele falou: “calma que vai chegar”. Aí eu falei: “bom, vamos esperar mais um pouquinho, porque não vamos esperar muito, vamos fazer para essas três”. E aí essa criança me chamou e falou: “tia, o que vai ter? Vai ter palhaço?”, e eu falei: “não”, aí subi e sentei com ele, e essa criança pegou na minha mão, uma criancinha, e quando ela pegou na minha mão, ela me trouxe toda a segurança do mundo, porque eu sempre ficava com medo, [...], só via a mulher, não tinha essa coisa que a gente tem, que a gente fica (armado). E aí eu falei: “esse foi o melhor presente que eu pude ganhar do teatro”, porque essa criança que estava ali, quando pegou na minha mão, com aquela mãozinha, falou: “fica aqui comigo”, e aí eu fiquei [...] (Entrevistada Sheila, 60 anos).

Ao relatarmos memórias de viagens, notamos que as escolhas envolvem destinos turísticos que permitam fugir de seu cotidiano. Por vezes, buscar a si mesmo pode não ser interessante, no trecho abaixo notamos em uma das falas o desinteresse em ver uma peça que fala da sua própria identidade:

[...] e depois eu gritando: “Marco, vamos começar”, aí chegaram mais umas pessoas, mas até chegar às pessoas - porque era um circo de interior e a gente tinha que cumprir aqueles espetáculos... só que a gente não conseguia levar, porque hoje, eu fico pensando: levar Guimarães Rosa, é óbvio que é muito legal, é maravilhoso, é mágico, mas levar para Maceió, como uma senhora falou para mim: “não gostei, porque essa aí é a minha vida. Eu vou sair da minha casa para ver a minha vida? [...]” (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

Pollack (1989) chama a atenção para o papel do silêncio que para ele seria tão eloquente

quanto os mais densos discursos. Pode significar o desejo de esquecimento de fatos traumáticos do passado ou de experiências de dominação vivenciadas ou ainda ser condição de viver melhor no presente, conforme está na fala de Bernardo seguir:

[...] eu fui casado, que foi Nova York. Aí me separei dele. Separei não, a gente brigou, ele fez uma pirraça comigo: “eu vou voltar”, como se ele achasse que eu ia passar necessidade lá, eu falei: “está bom” e fui para São Francisco, falei: “eu vou chorar em São Francisco”, fui sozinho. Foi uma coisa maravilhosa, adorei! [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

O silêncio seria uma forma de gestão do passado. Esta gestão envolve ainda uma seletividade que se relaciona com os embates do presente e os projetos do futuro. Outro aspecto destacado por Pollack (1989) diz respeito à necessidade de levar em consideração os processos de dominação em curso na sociedade, e que repercutem nas memórias e no imaginário dos grupos sociais em função das relações de poder nela vigentes. Estas relações se expressam em termos de memórias em disputa, configurando-se ora como memórias hegemônicas ora como memórias reprimidas.

Os processos de dominação estão presentes também no imaginário turístico, alguns destinos, por exemplo, aqueles voltados para gays e lésbicas, são associadas às práticas em que ocorre uma transgressão de identidade (JOHNSTON, 2001). Além disso, destinos de sol e praia são considerados verdadeiros oásis da heterossexualidade (PRITCHARD; MORGAN, 2000).

Tais normas e estereótipos influenciam tanto nas experiências como nas memórias de viagens, como relata Bernardo em sua viagem para Recife e Salvador, acompanhado pelo namorado e família:

[...] estavam passeando, turistas, ela olhou para a gente e falou assim: “eu gostei mais da loirinha, a mais bonita” e era eu, então eu sei que a minha aparência ficava muito feminina e atraía muita gente por causa dessa história de parecer feminino e que depois iam embora porque eu não era delicado quanto a aparência dizia, então tem essa característica. [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Os estereótipos tendem a dificultar a comunicação e interação entre culturas, principalmente quando essa cultura condena uma sexualidade dissidente. Os países e seus estereótipos expressam crenças que socialmente são compartilhadas sob julgamentos de típicas características do próprio país, por muitas vezes como percepções subjetivas (HERZ; DIAMANTOPULOS, 2013). Os estereótipos em relação a determinados locais são difíceis de mudar, há que se realizar um grande esforço para atingir a população-alvo (AVRAHAM, 2004),

inclusive os estereótipos envolvendo os destinos denominados *gay friendly* conforme é exposto na fala abaixo:

[...] tu és jovem, bonito, loiro, preto, seja a cor que você for, jovem e bonito, tu chegas no meio de São Francisco, aquele monte de viado, tu precisas falar inglês? Eu tenho uma teoria, depois você apaga, que é o seguinte: Estados Unidos você tem que abraçar a pessoa para conversar com ela, senão ele chupa seu pau na hora (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Pereira e Ornelas (2005) afirmam que os estereótipos podem ter características tanto negativas como positivas. Por certo, os estereótipos que são explorados de forma positiva contribuem para potencializar a marca de um país de forma afetiva, desencadeando um papel determinante no comportamento do turista (MICEVSKI; DIAMANTOPOULOS; ERDBRÜGGER, 2020). Por outro lado, Gravari-Barbas (2019) diz que os estereótipos também podem ser problemáticos. Muitos países são associados a estereótipos negativos os quais podem ser uma barreira preocupante no sentido da recepção de turistas. Percebemos na fala de Sheila, o quanto a sua sexualidade ainda não explorada impactou em sua memória sobre sua viagem à Europa:

[...] e quando eu fui para Paris a primeira vez, eu me lembro que, enquanto Marcos Antunes, como todo mundo, a intenção era ver a Torre, e quando você chega perto da Torre, tem um balde de água fria, porque é um cartão postal de alma que todo mundo quer ver, e quando você chega lá, perde o encantamento - pelo menos para mim, foi assim: “mas essa é a Torre que todo mundo fala?”. Mas eu me emocionava muito, porque eu falava: “estou debaixo da Torre, estou chegando na Torre”. Eu ficava olhando, um caipira - na época, que eu era [...] (Entrevistada – Sheila, 60 anos).

As imagens em relação aos destinos e populações locais podem se diferenciar entre dois tipos: “imagens abertas” e “imagens fechadas”. As “imagens abertas” permitem que sejam adicionadas algumas características, enquanto “imagens fechadas” não aceitaram novos elementos a imagem principal (AVRAHAM, 2004). Dessa forma, pode-se dizer que estereótipos são imagens fechadas e simplificadas (AVRAHAM, 2004). Pereira e Ornelas (2005) descrevem que os estereótipos permitem ao turista uma simplificação e interpretação organizada, relativamente simples das pautas comportamentais a serem adotadas durante os contatos, isso é demonstrado conforme ainda observamos na fala de Antônio:

[...] a gente chegou na Tanzânia e a gente começou a perceber que o ar era diferente, uma que é muçulmano bravo, eles são muito certinhos e tudo é militarizado, ser gay lá dá prisão. Aí quando chegou no hotel, na ilha que é Zanzibar, o gerente conversou com a gente e falou: “qual é a relação de

vocês?”, eu me avancei e falei: “é profissional, [...], eu sou assistente dele e viemos fazer uma pesquisa”, e por quê? Aí ele explicou tudo e me alertou: “como você tem uma função de trabalho, na rua você anda 2 passos atrás dele, se possível em restaurantes sentem em mesas separadas, pode ser próximo” porque nós somos muito diferentes, fisicamente e os hábitos, então chama atenção. E tem muitos gays que, por inveja, denunciam porque ele não está tendo essa imagem de estar com o companheiro de estar livre, então “eu não posso e você não pode também” [...] (Entrevistado- Antônio, 60 anos).

As relações entre imagem e imaginário no turismo e suas implicações na memória refletem construções coletivas, ou seja, não se trata apenas de representações comerciais, visto que propagam conteúdos, divulgando estereótipos atravessados por fantasias e ideias heteronormativas. Um memorial de viagens permeia a experiência turística se tornando objeto simbólico em disputa, interferindo nos aspectos sociais, econômicos e questões identitárias (SALAZAR, 2012). Tal construção habita em um emaranhado de diferentes experiências, narrativas, imagens e como essas são representadas (CREMERS, 2020). Para Barboza Núñez (2020) essa constituição não advém apenas de instituições que objetivam a criação de políticas públicas ou a promoção dos destinos, o mesmo é permeado por representações históricas e narrativas socialmente elaboradas.

A influência na busca por destinos está permeada de imagens construídas socialmente. Assim, a formulação de uma política pública de turismo baseada em uma perspectiva que inclua as diferenças de identidades é extremamente necessária, a fim de impactar na vivência dos sujeitos LGBTQ+, com o intuito de desmistificar os estereótipos negativos dos lugares turísticos ou dos próprios corpos que se perpetuam por meio da memória turística. Conforme discutido Nunan (2003) os grupos LGBTQ+ costumam ser representados pelo mercado turístico como DINKS, que se refere a consumidores sem filhos. No entanto, no relato de Bernardo é possível demonstrar que a o grupo LGBTQ+ não é homogêneo e as experiências de viagem também envolvem novos arranjos familiares:

[...] a viagem com o meu filho para a Bahia. Foi a primeira, agora antes da pandemia nós fomos novamente, em 2019. Meu filho é baiano e já viajei muito, mas essa com certeza essa foi a mais marcante porque eu levei para conhecer a terra em que ele nasceu, para ver como a Bahia funciona, para ver a quantidade de pessoas parecidas com ele que tem naquela terra, que são pretas e o entrosamento dele com os meus amigos, o acolhimento dos meus amigos para com o meu filho. Foi uma viagem perfeita, foi a que eu mais me diverti [...] (Entrevistado- Bernardo, 61 anos).

Dessa forma, não há como discutir os estereótipos do turista LGBTQ+ sem dialogarmos com o que foi exposto por Moreira e Hallal (2017), sobre aceitação da expressão da sexualidade nos espaços, sejam estes públicos ou privados. Locais turísticos que permitem aos sujeitos

LGBT+ a afirmação de suas identidades proporciona memórias que colaboram para a escolha dos destinos a serem visitados no futuro, como constatado abaixo na fala de Antônio:

[...] o tratamento, é te olhar como ser humano. Você não é diferente porque dentro do seu quarto você se relaciona com um homem ou na sua vida você se relaciona com um homem, ele te trata bem porque ele te trata bem, é assim que tem que ser, então não tem muito segredo. Onde mais? Lugar aqui perto, Jundiaí. Jundiaí você pode sair beijando seu namorado, acho que eles nem percebem, é super agradável ir lá. Na Espanha, Madrid é melhor que Barcelona e Andaluzia é melhor que os Bascos, Portugal é um misto de deboche pesado por você ser gay, por você ser brasileiro e por eles terem sido a coroa e nós a colônia, é 3 vezes ruim. Não é fácil [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Ainda na fala de Antônio identificamos que além de eleger lugares onde remete a sensação de liberdade e aceitação de sua sexualidade, nem sempre a experiência do turista LGBT+ é referenciada apenas a esse tipo de sentimento, assim como Nunan (2003) definiu. Na viagem do Antônio para a Bolívia encontramos outras memórias com possibilidades de escolhas para além dos desejos sexuais, experimentando um sentimento aventureiro:

[...] a primeira aventura, fiquei 1 mês na Bolívia, eu queria ir para qualquer lugar. Era a experiência, ver como é que eu me virava, é mais fácil os países vizinhos, eu falo a língua, então não tenho problema, vamos embora. Foi uma loucura...Era 1977, eu dormi em praça pública. Fugui da polícia, perdi o passaporte, achei o passaporte. Assim, eu vi o mundo pela primeira vez, porque era cômodo, na época meus pais já tinham uma condição melhor, o bairro era bom, casa boa, tinha piscina, eu ia de bicicleta para a escola, já era uma vida para os padrões brasileiros boa, mas fugir da polícia é melhor ainda. Acho que meu espírito já era tão aventureiro que eu pensei assim: “claro, na estação de trem. Lá tem banheiro, tem banco, tem segurança e tem trem a noite inteira, ninguém vai estranhar que eu fique lá” [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Parte dos referenciais de sexualidade também estão envoltos nessa figura aventureira, como um referencial heteronormativo a ser seguido. Isso fica explícito no relato de Antônio quando realizou uma viagem com seu companheiro, ao contrário do seu companheiro, a sua autoimagem é descrita por seus atributos baseada na masculinidade proativa:

[...] Pelo turismo. Como eu programava, porque eu era o aventureiro e o Mauro o acomodado, então para arrancar ele de casa tinha que ser muito legal e como ele queria ir para a Itália, então vamos para Veneza porque é sempre bom, Veneza não tem erro então está ótimo, aí eu procurava um lugar para ir, mas tinha que ser interessante, diferente, exótico, novo. Dava um trabalho do cão. Cada vez era uma experiência muito forte para ele, descobrir esses lugares, a culinária, os costumes, então eu fazia uma pesquisa grande, porém isso não está escrito em nenhum lugar, o gay é tratado dessa maneira [...]

(Entrevistado – Antônio, 60 anos)

Nessa perspectiva, o turismo é permeado por mitos, fantasias e sonhos heteronormativos, bem como por expectativas, sendo que todos esses elementos contribuem para construção de imagens heterossexuais (PRITCHARD; MORGAN, 2000). Novamente, observa-se que a sexualidade deve ser um elemento a ser considerado na escolha dos destinos, no entanto, não é suficiente para entender determinadas escolhas, pois estas se sobrepõem a outras experiências que envolvem a idade, o status social, história de vida e as habilidades corporais (CAI; SOUTHALL, 2021).

Dessa maneira, o turista ao decidir visitar um destino já tem algum conhecimento prévio, constituído por uma imagem do passado (L, 2005; BAJC, 2006). As formações de imagens e imaginários turísticos estão também associadas ao olhar heteronormativo do turista e suas experiências (PRITCHARD; MORGAN, 2000). Na fala seguinte do Antônio, quando ele retrata suas viagens sem o marido, há uma ruptura com o modelo dos casamentos heterossexuais, pois a discussão sobre a fidelidade do casal perpassa pela lealdade um com o outro:

[...] foi uma característica que eu descobri, que eu não sabia o que era, eu não tinha interesse nas pessoas porque a minha cabeça, o meu coração estava em São Paulo. E é legal ser monogâmico e é uma coisa que eu conversei muito com o meu marido, sobre isso, eu não sabia se ele tinha ou não essa característica, ele falava assim: “eu vou procurar não aprontar”, eu falei: “não faz isso, não se policia, é pior porque vai te dar vontade de fazer, mas se você o fizer, não me conta porque eu sei que você está comigo [...]” (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Assim, conclui-se que ao analisarmos as memórias das viagens dos turistas idosos LGBT+, há vários elementos que implicam a constituição de suas individualidades, aspectos considerados corriqueiros para corpos ditos “normais” podem ter impacto significativo no imaginário dos grupos dissidentes. Pois retratam entrevistados, que viveram a maioria de suas experiências, o recorte de sua sexualidade um marcador em definitivo para definir o valor de sua experiência em suas viagens.

4.2 Os anseios como direcionamento para o turismo idoso LGBT+

E esse modo repressivo de ação junto aos corpos indesejáveis vai afetar diretamente a aceitação de identidade de seus indivíduos, bem como os seus deslocamentos e sua apropriação dos espaços. Muito dos desejos de viagens verificados nas entrevistas está diretamente ligado às frustrações de consumo em sua fase mais jovem. Conforme dito anteriormente por Zeldin

(2008), parte da atividade humana está em escapar de sua realidade, seja em procurar espaços não repressivos ou entender que sua posição no mundo não é tão indesejável quanto parece ser. Sobre essa construção social da identidade e sua relação com as frustrações de consumo, vejamos o depoimento abaixo:

[...] eu vou dizer uma coisa para ti sinceramente, eu estava falando com os meus cachorros aqui, eu disse para eles: “se eu não tivesse vocês, eu ia me desfazer de tudo que eu tenho aqui em casa, vender, dar, pegava uma roupinha e me sumia por esse Brasil”, não quero saber que eu tenho 68 anos, graças a Deus eu tenho saúde. Eu me sumia por esse mundo, é isso que eu tinha vontade de fazer. Eu devia ter tido essas vontades... eu tinha vontade, mas aí o coração sempre botava uma no caminho, aí lá se ia aquele desejo de viajar [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Um fato interessante a ser observado no trecho acima é que, apesar de uma intensidade de deslocamentos visível na narração, não houve espaço para uma busca por lazer ou entretenimento que atendesse sua identidade. Como eles estavam diretamente ligados às relações de trabalho e sobrevivência, isso afetou a ideia que a própria tinha sobre o que é ou não turismo, como veremos adiante:

[...] quando eu fui em Bento Gonçalves, Bento Gonçalves é conhecida, a cidade do vinho, do champanhe, cidade da uva e a gente foi trabalhar entre três, fui eu e mais duas. Elas venderam maravilhosamente bem e eu não vendi quase nada, aí sabe onde que eu fui trabalhar? Não sei se aí em São Paulo é a mesma coisa que aqui, onde tem essas mulheres da noite, que chama zona, aí eu fui trabalhar na zona para vender. Vendendo carnês na zona. E aí almoço, café da tarde, fui muito bem tratada nessa parte aí. De tardezinha eu fui para a cidade, tu acredita que eles mal abriam a porta? As pessoas mais abastadas. Lá de dentro eles respondiam: “não, obrigada”, eles nem sabiam o que era. Então eu senti o preconceito nisso aí [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Sobre a hospitalidade negada, o trecho abaixo retrata como a experiência reflete em escolhas futuras por parte dos turistas: Apesar de um histórico consolidado em relação ao desenvolvimento do turismo rural, sobretudo aquele vinculado à região vinícola, o local não foi capaz de construir um referencial de turismo para aqueles que a visitam a trabalho e estariam dispostos a conhecer melhor o local para o qual se deslocou. E a hospitalidade negada vai interferir na atração e na fidelização de novos clientes, que podem ficar receosos com as hostilidades percebidas no ambiente:

[...] nunca mais fui para Bento Gonçalves. Às vezes ia viajar: “nós vamos para

Caxias”, então eu não vou sempre que ia viajar para cidades que seja mais italiana eu não ia, “hoje nós vamos viajar para outra cidade”, aqui mais pertinho, Dois Irmãos, ali é mais alemães, aí eu ia. Era muito bem tratada, me botavam para dentro de casa, mexiam comigo, muito legal mesmo. Mas na parte dos italianos é meio complicado para o preto, ele só não te ofende porque tem lei, a mesma coisa por tu ser gay ou lésbica também, a mesma coisa. Eu sentia duplo preconceito [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Ainda que nas interações entre anfitriões e turistas de pessoas e culturas diferentes seja uma premissa para o turismo (MC NAUGHTON, 2006), quando essa interação acontece de forma positiva, este destino torna-se mais atrativo para os turistas já que de uma forma mais negativa podem enfurecer criando estereótipos ruins (LIU e TUNG, 2017). Esse acúmulo de imaginário acaba por promover o interesse em culturas diferentes daquelas vividas pelo cidadão, como uma forma de escape para sua realidade como identificamos na fala de Roberta:

[...] eu entendo assim, viajar é conhecer outros países. Eu teria e tenho vontade, só não tenho condições financeiras, conhecer a França, eu adoro a língua francesa, ir aos Estados Unidos, a Índia agora não dá para ir porque está muito complicado lá, mas seria um país que eu gostaria de visitar, Alemanha. Eu gosto muito de séries, então eu vi algumas séries sobre museus da Alemanha, eu me encantei com aquela série de museus, que coisa mais linda aqueles museus na Alemanha, eu gostaria também de conhecer. Mas esses lugares eu acho assim que tem que ser com uma pessoa que more lá no local, uma pessoa local, não um guia turístico porque o guia turístico vai te levar naqueles pontos turísticos [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

Mas o que produziu esse entendimento por parte da entrevistada sobre o que é ou não turismo? E qual o motivo da necessidade em se conhecer outras paisagens? Conforme dito anteriormente, ainda há um grande legado autoritário presente no Brasil por conta do longo período em que o país esteve submetido a uma ditadura militar, com forte repressão aos corpos dissidentes. Para grupos marginalizados em busca de uma pequena fuga da realidade de seu cotidiano ou seu mundo de trabalho, os demais cenários presentes no território nacional não atendiam à essa frustração. Mas tudo pode mudar quando se é permitida mais socialização entre seus pares conforme veremos ainda na fala da Roberta:

[...] eu já estava me planejando porque depois que eu entrei no Eternamente e no Socializa, o pessoal sempre dizia para mim: “Tânia, vem para cá, vem conhecer aqui”, mas a pandemia estava muito ainda, em junho isso. Aí surgiu o assunto do casamento da Ângela e da Wilma, eu disse: “então vou fazer o seguinte: eu vou me programar e vou no casamento da Ângela e da Wilma”, aí claro eu tive que ir à rodoviária, que tem uma passagem depois dos 60 que tu pagas metade, eu nunca tinha viajado assim [...] (Entrevistada – Roberta, 68 anos).

O que estavam fora do radar. O casamento citado na passagem acima é um chamado para nossas duas próximas entrevistadas. No trecho abaixo, elas falam sobre os destinos que gostariam de usufruir e como a escolha de um destino pode ser bem mais complexo quando envolve mais de uma opinião:

[...]- Pará (Entrevistada Carla, 69 anos).

[...] Pará, isso. Ela quer muito ir para lá conhecer o Pará, aquela região toda. E está tendo, estou vendo uns pacotes muito bons. Só estou esperando ver se melhora, porque fomos para São Paulo há um mês e pegamos Covid lá. A nossa pretensão era ficar 12 dias só, tivemos que ficar um mês, então a gente está meio receosa agora - apesar da gente ter tomado três doses. Quando a gente tomou as três doses, nós pegamos. Acho que foi numa boate que nós fomos [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

[...] eu não sei a Carla, mas eu queria conhecer a Itália e queria andar na gôndola de mão dada com ela, tirando umas fotos. É o meu sonho, conhecer Gênova. Talvez eu não vá conseguir realizar, seria andar naquela gôndola com ela de mão dada, na Itália [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

[...] minha filha mora nos Estados Unidos, vive me chamando, eu tenho muita vontade de ir, mas nunca dá certo. Desde o casamento dela com um americano que a gente ia - eu e ela - mas o nosso visto não foi aprovado. Na época, foi justo quando derrubaram as Torres Gêmeas [...] (Entrevistada – Carla, 69 anos).

Os conflitos na escolha de destino não são exclusividade de um grupo específico. Conforme Zeldin (2008, p.69) não é fácil saber o que se anseia: “[...] muito do que as pessoas fazem é governado por velhos modos de pensar. Tanto a política quanto a economia têm se revelado ineficazes diante da obstinação de mentalidades arraigadas, que não podem ser modificadas por decreto, pois estão fundamentadas na memória, que é praticamente inextinguível”.

Mas é possível expandir a memória de uma pessoa alargando seus horizontes e quando isso acontece, há menor probabilidade de que a pessoa continue a tocar as mesmas melodias antigas para todo o sempre, repetindo indefinidamente, os mesmos erros. Porém quando essas escolhas envolvem um casal, tal contexto pode gerar um conflito conforme veremos na fala a seguir:

[...] ela é assim, topa qualquer coisa. Para ela, falou: “vamos viajar”, mas eu tenho medo, por exemplo, de pegar estrada e sair num outro lugar. E outra coisa: se você for viajar com um amigo seu, você passa a conhecer esse seu amigo na viagem - ou você convida novamente ou você não convida mais. Em questão de relacionamento, eu acho também muito bacana, porque acho que você fica tanto tempo, os dois unidos, que acho que o namoro vai para a frente

ou regride [...] (Entrevistada Maria, 74 anos).

O anseio por viagens também envolve uma busca pelo conhecimento sobre o outro, é comum a máxima de sequer conhecer alguém melhor, viaje com ela. Por vezes, esse contato permite uma maior abertura para experiências como antes nunca vividas como continua em seu relato:

[...] na questão de viagem, mesmo viajando, a gente não... as duas concordam: “vamos fazer tal passeio?”, “vamos”. A única coisa que ela não consegue me levar ainda é nesses passeios radicais que ela quer fazer, que não sei onde foi que ela andou com um camelo e eu falei: “no camelo, eu não vou”. E agora, já estamos discutindo, porque lá em Natal tem aqueles buggys que fazem aqueles passeios radicais [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

Claro que a escolha do destino também envolve aspectos psicológicos como a aceitação por parte do restante do grupo ao qual estará inserida no destino escolhido. Muitas vezes, a forma como a sociedade as vê pode gerar algum tipo de incômodo, como apresenta a Maria:

[...] eu acho que tem, porque acho que o pessoal vê uma menina de 28 anos com uma de 25, acha que está se descobrindo, se conhecendo; agora duas idosas, já ficam achando: “nossa, duas pessoas idosas, será que já não tiveram tempo de se descobrir, cada uma viver sua vida sem estar querendo falar que são casadas, que se amam? Onde já se viu uma coisa dessas?”. Acho que, para nós, é mais preconceito. Um casal hétero pode viver 100 anos, e eles viverem 70 anos juntas não é vergonhoso; agora, um casal de duas senhoras, aí é vergonhoso? Qual é a diferença desse amor que a gente tem? Não é igual ao amor do hétero com o homossexual? Será que não é igual? As duas pessoas não podem se amar também? Eu acho que, pelo tempo que nós temos juntas, pela relação que nós temos, pela vivência que nós temos, hoje em dia, a gente não vai se importar tanto se a gente ver alguém olhando com o rabo dos olhos ou fazendo algum comentário (Entrevistada – Maria, 74 anos).

Nessa fala de Maria fica exposta toda a discussão sobre o apagamento da sexualidade do idoso LGBTQ+, pois trata-se de um tabu em nossa sociedade, pois a uma imposição para que os idosos sejam assexuais, já que um casal de idosas podem ser relacionadas à vergonha como já dito por Ortiz *et al.* (2018). Maria continua com sua fala expondo sua resistência em afirmar que seu relacionamento persiste as adversidades na rotina comum do dia a dia:

Por mim, hoje, já vou ligar tanto, não vou me importar mais, por esse amor que nós temos, que, para mim, vai ser para o resto da minha vida junto com ela, uma coisa maravilhosa que a gente vive. O dia a dia nosso é levantar de manhã, tomar café e almoçar juntas, fazer as coisas todo dia juntas, passear juntas. Acho que, para mim, não ligo tanto. Mas eu acho que ainda vai ter gente que olha com o rabo de olho para a gente [...] (Entrevistada – Maria, 74 anos).

Conforme já dito anteriormente, a questão da segurança é um fator fundamental na escolha do destino, bem como a infraestrutura oferecida ao grupo. Até como forma de pertencimento e sensação de segurança, algo identificado também na fala de Roberta:

[...] eu procuro lugares que tenham LGBT. Em São Paulo nós fomos na boate, era até mais gay que lésbico [...]. Eu tinha vontade de ir para o Tocantins. Porque eu estou conversando com uma lá de Tocantins, mas eu iria para Palmas, ela me disse o nome do lugar, é Paraíso não sei o que, eu até tenho que descobrir onde é esse lugar [...] (Entrevistada Roberta, 68 anos).

Acima a entrevistada fala das complicações em se estabelecer afetos que ampliem a rede estabelecida e como os ideais coletivos ainda estão em construção. Mas quais destinos ou modais de viagens podem ser considerados incômodos a ponto de serem evitados pelo grupo? Quais os motivos impedem sua popularização? Por vezes, a escolha do destino tem a ver com a possibilidade de estar em grupo o que garante uma maior segurança para o turista. Não raro, é comum encontrarmos nos relatos o início do interesse em viajar nas excursões feitas em grupo, como constatado no relato de Bernardo:

[...] eu nunca fiz uma excursão por exemplo, assim, quando eu estava em uma determinada cidade as vezes tinha uma excursão e tal, eu participava, mas nunca saí do Brasil ou para o interior em uma excursão. Mas eu entendo que as pessoas LGBT idosas querem sugestão e querem possibilidade, e também entendo que as classes sociais são as mais diversas possíveis, então ali você tem um nicho de pessoa desde fazer pequenas excursões muito simples, a custo muito baixo, até excursões mais sofisticadas, certo? O que é confortável para as pessoas LGBTs? Elas sabem que elas estão completamente acolhidas e aceitas dentro daquele lugar em que elas estão, isso para qualquer LGBT, mas para as pessoas mais velhas isso é fundamental [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

Le Goff (1984), alerta para uma mente, como sendo um refúgio de ideias que datam de muitos séculos diferentes, tal como as células do corpo têm idades diferentes, renovando-se ou enfraquecendo em ritmos variáveis. E a apropriação desses tempos distintos pode ser ou não atrativo a quem o procura. O turista atual, diante de uma infinidade de cenários, pode modificar suas decisões caso o local pretendido não garanta a integridade do ser. O que verificamos na continuação da fala de Bernardo:

[...] o turismo tem que seduzir, como qualquer coisa, por que eu viajo? Primeiro para mudar de ares, segundo para mudar de cultura, terceiro para mudar de hábitos, pequenas viagens, viagens de férias principalmente. Quando você pega esses 3 componentes e joga isso para uma pessoa idosa,

you corre o risco de ter um problema porque fazer essa pessoa mudar de hábitos pode ser um pouco complicado. Então não é para envelhecimento ativo, é para pessoas velhas, mesmo aquela pessoa sedentária que não queira sair da sua casa, ela tem que ser seduzida a sair de casa, nem que seja para ir ao cinema. Acho que a viagem tem essa grande capacidade, mais do que levar ao cinema, mas tem que seduzir [...] (Entrevistado – Bernardo, 61 anos).

A forma como o Turismo poderá seduzir os novos clientes que se apresentam precisam atentar que muito do desejo incutido na mente do grupo também envolve anseios de mudanças sociais que eles almejam. De acordo com Zeldin (2008, p.65) “[...] quando as pessoas olharam além dos limites de suas famílias, quando aprenderam a ler e a viajar, descobriram que muitos indivíduos estranhos compartilhavam suas emoções e interesses [...]”.

Um bom mote para uma análise do comportamento psicológico do turista ao escolher seus destinos turísticos tem a ver com as configurações de vida desejadas conforme construía sua perspectiva de vida e como os encontros vão definir alguns conceitos sociais que, para grupos marginalizados, podem ser ressignificados conforme são expostos à outra realidade. Sobre o assunto, Zeldin (2008, pg. 66) continua: “[...] hoje, a esperança se sustenta, acima de tudo, pela perspectiva do encontro com novas pessoas”. Na verdade, toda descoberta científica é inspirada por uma busca similar e pelo encontro de ideias que antes nunca se juntaram. O mesmo vale para a arte de fazer a vida significativa e bela, o que envolve a descoberta de conexões entre o que parece não ter conexões, unindo pessoas e lugares, desejos e memórias, através de detalhes cujas implicações passaram despercebidas.

Cabe também ressaltar que o que entendemos como idoso está em constante disputa e transformação. Cada vez mais vemos indivíduos buscando produtos turísticos que não são aceitos socialmente ao grupo ao qual pertencem, nem estão fechados com produtos estanques.

Por vezes, suas práticas e hábitos cotidianos os fazem conectar com perfis e indivíduos fora de seus grupos como identificado na fala de Antônio:

[...] é tão estranho falar que eu sou idoso, porque eu faço *rafting*, eu estou programando um salto de *bungee jumping* em Santa Catarina. Eles não se preocupam com o idoso e quando se preocupam, eles esquecem que são pessoas interessantes, inteligentes, divertidas, ninguém quer ver arte sacra o tempo inteiro. Leonardo da Vinci que me perdoe, mas eu estou enjoado de você, sabe? Bota umas baladas, bota um festival de comida exótica às cegas porque é um público que tem grana, quando se propõe a viajar ele não economiza, sabe aceitar melhor as coisas quando dá um problema, porque para e pensa: “temos um problema, como vamos resolver?”, tem disponibilidade de tempo, pode viajar a qualquer hora, mas a empresa de turismo ainda não se preocupou com isso [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

E como podemos ver adiante, a criação de estereótipos também incomoda o turista que

quer cada vez mais diversidade de opções e experiências. E, conforme a próxima fala do entrevistado, a forma tradicional de se fazer turismo também pode incomodar:

[...] e acomodações, tem que ter azulejo no banheiro até o teto, não adianta, a cama tem que ser boa, não dá para andar em ônibus velho e para com essa mania: “para cima, direita não sei quem, esquerda”. Não, paramos no lugar e vamos fazer uma estrela nesse lugar, todo dia vai e volta, está muito boa a atividade? Importante que a empresa que está oferecendo o passeio pergunte: “você quer ficar mais tempo aqui?”, por exemplo, vai para Toscana, para a estrada do vinho, você entra em uma fazenda de *chianti*, que é a uva, tem uma que é fantástica, você come, bebe, tem lugar para dormir, tem televisão, tem Wi-Fi, tem tudo. [...] Seria legal a empresa de turismo juntar, abre esse pacote, não é só para idoso gay, é para gente, que venham todos (Entrevistado Antônio, 60 anos).

A fala acima mostra como as empresas precisam estar atentas à forma como transmitem as sensações que os turistas desejam. Oferecer um serviço na área do Turismo também é uma forma de comunicação com o cliente. E esses estereótipos etários estão muito presentes no grupo que convive? Como é entendido o prazer em sua idade? De alguma forma, ainda estamos muito distantes de entender que a noção de velhice como algo estanque ou inerte em relação a sexualidade já não condiz com as realidades vividas por suas comunidades, que podem ser ainda mais estigmatizadas conforme a condição social de um determinado grupo. Muito se fala sobre o apagamento da sexualidade quando idoso, no caso dos idosos LGBT+, esta sexualidade muitas vezes é tida como algo indecente. Na fala seguinte percebemos o quanto os idosos carecem de serem reconhecidos mais jovens:

[...] ontem eu estava conversando com uma amiga minha do Rio, ela fala: “você devia conhecer gente, ser feliz de novo”, eu falei assim: “é egoísmo, eu já fui feliz uma vez, tem gente que não vai ser na vida, deixa alguém ser”. Se eu for de novo, ótimo; se eu não for, eu já sei como é. Mas não são os velhinhos, esse termo é muito ruim, não é que é feio e nem pejorativo, é ruim. Esses garotões de maior idade, porque são todos moleques, eu me considero no meio dessa turma, realmente, a gente quer bagunça, a gente quer namorar como se fosse no colégio, quer contar piada, dar risada alto [...] (Entrevistado Antônio, 60 anos).

Como já foi exposto anteriormente, ainda se entende a velhice como o fim da busca pelo prazer. E a formulação de produtos turísticos destinados aos idosos, principalmente, não entendem que o segmento também se move por estímulos. No trecho abaixo, Antônio fala da sexualidade e como o prazer pode ser um item para a apropriação dos espaços:

[...] é que também tem um detalhe, tudo isso que a gente falou tem uma coisa

explícita, forte: o sexo. Primeiro tem que entender e ficar claro: não tem pau duro para sempre. Então vamos viajar em um grupo, vamos nos conhecer, vamos arrumar um namorado? Vamos, belezinha. Arrume uma outra forma de fazer sexo e seja feliz, senão tudo isso vai para o chão. Imagina, você vai com o seu namorado, saiu aqui do Brasil, está legal, saiu aqui de São Paulo, não importa, saiu do bairro, uma viagem de bairro, se for o caso, está tudo tão legal, na hora do vamos ver não tem reação física. Não tem pau duro. Porque o homem é isso, a gente não finge. Você mela a sua viagem, teu turismo acaba. Arruma outro jeito, aprenda a variedade de sexos que existe. Eu descobri isso com o André, com a diferença de idade e eu vendo a envelhecimento dele, tem que adequar tudo. A vida mudou, as viagens mudaram, os passeios mudaram, o carro mudou, o que mais? A roupa mudou. Se não ficar atento a esses detalhes, em um puta passeio legal você fica triste [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Ainda que o relato fale sobre o prazer e o quanto isso pode ser importante na escolha de um destino, muito de sua fala está envolta em um conteúdo familiar, com quem gostaria de dividir os prazeres a serem buscados em uma viagem. Conforme dito por Zeldin (2008) anteriormente, é preciso ir além dos limites estabelecidos pelas estruturas familiares, ir além daquilo que lhe foi imposto. Viajar não é só se deslocar, mas também buscar e compartilhar emoções e interesses. Encontrar novas pessoas é a esperança que move a atual sociedade, a busca de um imaginário coletivo em que todos façam parte, de fato. Ou como resumiu o entrevistado Antônio a seguir:

[...] viajar é respirar. Literalmente, é vida. E depois de algum tempo, no passado recente eu descobri que viagens curtíssimas dão um prazer, porque eu era preconceituoso, sou, preciso melhorar. Eu não conheço o Brasil, eu conheço São Paulo [...] (Entrevistado – Antônio, 60 anos).

Se o Turismo se apresenta como meio de consumo à partir de uma necessidade não identificada nas diversas sociedades que só foi permitida a exploração com a descoberta de novos mundos e a existência de outras pessoas com quem poderia compartilhar suas experiências, estimular esse contato que permita o compartilhamento dos desejos e a superação de seus males passou despercebido da indústria em geral, e ouvir as pessoas é parte do esforço coletivo de ressignificação desse setor. Pois Turismo deve ser feito, antes de tudo, para pessoas.

Encerra-se às discussões dos resultados com as devidas explicações dos entrevistados, com alguns elementos norteadores para aqueles que pretendem propor ações para a inclusão desse grupo. Pode-se depreender que a constituição dos seus corpos ocorreu de formas difusas e refletem o histórico de repressões a qual estes estiveram submetidos. *A priori* uma política de inclusão que visa atender este grupo deverá estar disposta a ouvir seus medos e anseios para que o trabalho no setor do turismo resulte em satisfação desse cliente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização deste trabalho, percebe-se que as experiências de viagens, por meio dos relatos dos turistas idosos LGBTQ+, estão relacionadas às questões de sexualidade, memórias e anseios. Identificou-se a existência de uma profícua produção recente sobre a temática LGBTQ+, que contempla os recortes de gêneros para além das questões postas pelo modelo binário da sexualidade. Também foi possível a identificação de um público que deseja ser mais estudado, que tenha mais direitos de sociabilidade e viagens em grupos. Em consonância, com o apresentado acima, o turismo LGBTQ+ demonstra ser um mercado em ascensão, por ter um interesse em viagens.

Para além do conhecimento científico, identificou-se na perspectiva das políticas públicas para o incentivo ao turismo LGBTQ+, foi recentemente retirado do Plano Nacional de Turismo em vigência, cuja justificativa seria abordar uma perspectiva universal do turismo, sem focar em privilégios para nichos específicos. Por isso, as discussões trazidas na presente dissertação amparam um posicionamento contrário, sobretudo por: 1) tratar-se de um grupo historicamente oprimido e violentado, há requisitos prévios que precisam ser atendidos para gerar uma vantagem competitiva na escolha do destino turístico; 2) apesar da expansão do turismo de massa, os indicadores mundiais de turismo sugerem um maior crescimento nos chamados “turismos de nicho”, em que o turista requer muito mais que estruturas básicas; 3) a importância de registrarmos as memórias dos idosos LGBTQ+ para o fomento de futuras pesquisas.

Mesmo assim, as controvérsias apontam para uma complexidade e relevância de pesquisas futuras sobre a temática em questão e que, ao mesmo tempo, relacione as práticas e perspectivas deste nicho, a fim de contribuir para a produção do conhecimento científico, iluminando ao segmento do turismo idoso LGBTQ+. A partir dos princípios da complexidade, pode-se questionar, confrontar e tecer novas relações para compreender o todo - o que dizem as publicações sobre o turismo LGBTQ+.

Ademais, considerando a pauta dos direitos civis LGBTQ+ como uma premissa que também atravessa o turismo como prática de liberdade, demanda investigações que vão ao encontro do viés economicista deste fenômeno. Nesse contexto, é preciso entender novas formas de participação e produção de lazer e turismo específicas para esse grupo, reunindo contribuições ao campo do Lazer e do Turismo, da Gerontologia, Antropologia e da Psicologia Social. Neste sentido, depreende-se a relevância de construir pesquisas

multi/inter/transdisciplinares, sobretudo, para o entendimento de temas complexos, como o envelhecimento dos LGBTQ+, permitindo atravessamentos que dialoguem a favor de um turismo mais inclusivo na produção científica brasileira.

Neste estudo, concentram-se as memórias dos idosos, atendendo a expectativa de conhecermos alguns e entendermos suas perspectivas sobre a velhice LGBTQ+ ratificando o tema inovador no que concerne à literatura existente. Destarte, propicia a demanda por pesquisas para e sobre o tema, um campo inexplorado, que carece ser conduzido à luz para o conhecimento teórico do turismo.

Porém, ainda mais relevante, o acesso às memórias dos participantes nos permite entender que a escolha de destinos turísticos envolve uma série de quesitos que podem não estar de acordo com a perspectiva histórica do setor. Nos relatos, há importantes ressalvas para as questões de segurança, da diversidade de eventos e produtos disponíveis, da sensação de grupo ou pertencimento, assim como também ter algum espaço para o prazer.

Para além dos desejos, foi possível notar nesta pesquisa que as viagens, até como parte da fuga do cotidiano, tendem a ser cada vez mais relevantes para os integrantes do grupo estudado e que a fruição dos serviços oferecidos pela indústria do Turismo tende a acompanhar os ganhos econômicos obtidos por ascensão social.

Portanto, mais não menos importante, espera-se que o conjunto desta pesquisa forneça elementos iniciais para o desenvolvimento de novas pesquisas e que os futuros pesquisadores se arrisquem ao abordar pesquisas nesse campo, pois o objetivo primordial de toda pesquisa de caráter exploratório é tornar-se uma alegoria da lanterna para aqueles que ainda estão tateando seus caminhos.

REFERÊNCIAS

- ABRUCIO, L. F.; COSTA, V. M. F. **Reforma do Estado e o Contexto Federativo Brasileiro**. São Paulo: Konrad-Adenauer-Stiftung, 1998.
- AGUIÃO, S. **Fazer-se no estado uma etnografia sobre o processo de constituição dos LGBT como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBRECHT, K.; LAWRENCE, J. **A única coisa que importa: trazendo o poder do cliente para dentro da empresa**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- ALMEIDA, M. V. de. Turismo social: reflexões e práticas no Brasil. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, n. 26, pp. 141-154, 2016.
- ANDRADE, M. M. Prática do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. n. sér. v.4 p.291-308 jan./dez. 1996.
- ARAÚJO, L. F. de; SILVA, H. S. da (Orgs.). **Envelhecimento e Velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais**. Campinas: Alínea, 2020.
- ARGENTI, P. A. **Comunicação Empresarial**. São Paulo, Editora Campus, 2006.
- ARRIGHI, G. **O Longo Século XX. Dinheiro, Poder e as Origens do Nosso Tempo**. São Paulo: UNESP, 1996.
- AVENA, D. T. **A hospitalidade e o consumo nos meios de hospedagem pelos homossexuais: um estudo de caso de Curitiba-PR**. Dissertação. Mestrado em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil, 2005.
- AZAMBUJA, D. **Teoria Geral do Estado**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 1969.
- AZEVEDO, M. S. de, MARTINS, C. B.; PIZZINATTO, N. K. Segmentação no setor turístico: o turista LGTB de São Paulo. **Anais do VII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, SP, Brasil, 2010.
- BALLONE, G. J. **Personalidade**. PsiquWeb, 2000. Disponível em <<http://psiquweb.net/index.php/geriatria/>>. Acesso em: 17/08/2021.
- BARBOSA, M. do V. **A hospitalidade dos prestadores de serviço para com os turistas LGBT na Rua Farma de Amoedo, Ipanema, Rio de Janeiro (RJ)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Niterói, Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Turismo e Hotelaria, 2017.
- BARBOZA, N. E. El contrapunteo entre imaginarios sociales y el desarrollo turístico: el caso de Costa Rica. **Ciência e Sociedade**, v. 45, n. 3, pp. 45-63, 2020.

BARON, L.; HENNING, C. E.; ORTIZ, S. R. M. **O brilho das velhices LGBT+**. São Paulo: Hucitec, 2021.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. Disponível em: <http://www.whitemartins.com.br> Acesso em: 20/09/2021.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BEAUVOIR, S. **A velhice: realidade incômoda**. São Paulo: Difel, 1976.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE 2020.

BERTUCCI, P. M. A cidade e o corpo. **Vitruvius**, n. 109, 2 ano, 10, abr. 2001.

BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE 2020.

BERTUCCI, P. M. A cidade e o corpo. **Vitruvius**, n. 109, 2 ano, 10, abr. 2001.

BLACKBURN, R. O Capitalismo cinzento e o problema do Estado. In.: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo II Que Estado Para Que Democracia**. Petrópolis: Vozes/Clacso, 2000.

BLAINEY, G. **Uma breve história do mundo**. Curitiba: Editora Fundamento, 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São. Paulo: Edusp, 2007.

BRANDÃO, A. M. "Ser e Saber" (re)visitações do passado e construção das identidades (homos)sexuais. **Anais do V Congresso Português de Sociologia**, Braga, Portugal, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de, 1988**.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htmBrasil. Acessado em 14/01/2021.

BRASIL. **Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso.

BRASIL. **Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

BRENER, J. **1929: a crise que mudou o mundo**. 1ed. São Paulo: Ática, Coleção Retrospectiva do Século XX, 1996.

CAI, W. S.; SOUTHALL. C. Managing sexuality for gay and lesbian parents in heterosexual

family holiday spaces: setting an agenda for research. In: **Vorobjovas-Pinta O (ed) Gay Tourism: New Perspectives**. Bristol: Channel View Publications, pp. 52–66, 2021.

CAMARGO, L. O. de L. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 13, n. 3, set./dez 2019.

CAMILOTTO, L. S. B. **TRANSGENERIDADE E DIREITO DE SER: relação entre o reconhecimento de si e o reconhecimento jurídico de novos sujeitos de direitos**.

Dissertação de Mestrado, Universidade de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, 2019

CARVALHO, A. S.; SALLES, M. do R. R. Os tempos da viagem para os idosos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 7, n. 1, pp.3-13, jan./abr. 2013.

CARVALHO, J. M. de. Cidadania no Brasil – O Longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAXILE, C. R. V. Os corpos e a pedra em evidência. Projeto História, São Paulo, n.34, p. 377-379, jun. 2007.

CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. Internext - **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015.

COSTA, L. M. A.; VASCONCELOS, E. G. S.; MAIA, M.R.A.; PALMEIRA, P.S.A.; LEITE, J.C.L. Consumo conspícuo: perspectiva de fidelização do consumidor LGBT no setor de turismo brasileiro. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 83-101, dez., 2018.

DANTAS, E. **Atendimento ao público nas organizações, quando o marketing de serviços mostra a cara**. São Paulo, Editora Senac, 2004.

DE JESUS, D. S. V. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, Fapesp, p. 23-33, 1999.

D'ÉVREUX, Y. **História das coisas mais memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614**. Rio de Janeiro, Editora Batel, p.358, 2009.

DI CARLO, J.; KAMRADT, J. Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 55-72, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12431/0>

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: Perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Abramo, pp. 109-123, 2007.

DORLIN, E. **Sexo, Gênero e Sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora, 2021.

FEU, C. SANCHES, T. C.; MANCINI, L. A.; NASCIMENTO, M. A. N. Turismo GLS e o perfil do seu público consumidor na região norte do Paraná. **Turismo, Visão e Ação**, v. 13, n. 1, p. 81-95, 2011.

FOSCARINI, L. B. **Corpo e educação física: para além da visão mercadológica**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**, Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**, São Paulo, Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, D.; PEREIRA L. L. História Oral, Memória e Turismo Cultural. In: MURTA M. M, A. C. (Org). **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SESC, SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMOS. **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**, 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2020/08/Pesquisa-Idosos-II-Completa-v2.pdf>

GADELHA, D. P. **Terceira Idade–Marketing, lazer e turismo**. Manaus: Editora Valer, 2007.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. Editora Atlas S/A, São Paulo, 2002.

GIRALDI, A. **Sexo do lado de baixo do Equador**. Unesp/ciência, 8ª ed., São Paulo, 2010.

GRAVARI-BARBAS, M.; GUINAND, S. (2017), **Tourism and Gentrification in Contemporary Metropolises**. International Perspectives, Routledge, 2017.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

HARAHOUSOU, Y. **Ocio como potencial para el desarrollo personal e social de las personas de avanzada edad**. In: CABEZA M. C. (org). Ocio e desarrollo humano. Bilbao, Espanha, 2000.

HENNING, E. C. **Gerontologia LGBT: Velhice, Gênero, Sexualidade e a Constituição dos “idosos LGBT”**. Goiás, 2017.

HOBBSAWM, E. **A Era das Revoluções, 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOVELER, R.; DEMIER, F. **A onda conservadora – ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

HUGHES, H. L. **Pink tourism: holidays of gay and lesbians**. Oxfordshire: CAB International, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010:**

Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JOHNSTON, L. (Other) bodies and tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 1, pp. 180–201, 2001.

JUNQUEIRA, L. D. M. Análise da produção científica norteada pela abordagem do Materialismo Histórico Dialético: um recorte temporal de 2004 a 2014 das revistas científicas brasileiras. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, pág. 44-62, dez, 2018.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.

KUSH, M. **Planejamento das relações públicas na comunicação Integrada**. São Paulo, 4Edições, Editora Summus, 2003.

LANZARINI, R. **A viagem libertadora para além das fronteiras sociais da sexualidade**. Rosados Ventos, v. 5, n. 4, 548-558, 2013.

LARA, C. B. Q. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. In: **Cadernos da ANPUH**, Coxim, 2016.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2005.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. 2.ed. revista e ampliada, São Paulo: Aleph, 2012.

LOURO, G. L. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas, v. 9, n. 2, pp. 541-553, 2001.

MCCLINTOCK, A. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. **A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana**. Rev. Dep. Psicol. UFF, Niterói, v. 19, n. 1, pp. 49-60, 2007.

MARRI, I. **Reforma da Previdência Social: simulações e impactos sobre os diferenciais de gênero**. 155f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MARTINELLI, A. **Dados mostram que o Brasil é a maior potência do turismo LGBT na América Latina**. **Huffpost**, 2019 Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/entry/turismo-gay-brasil-bolsonaro_br_5cc4aee5e4b08e4e3482d4cc. Acesso em: 13/05/2020.

MARTINELLI, M. L. **História Oral: exercício democrático da palavra**. A História Oral na Pesquisa em Serviço Social, p. 27-39, 2019.

MELLO, S. F. M. **Comunicação e organizações na sociedade em rede: novas tensões, mediações e paradigmas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) –

Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2010, 271p.

MIGUEL, F. D.; CRENITTE, F. R. M.; WILSON, F. J. **Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.** São Paulo, 2019.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C.E.A. Jr. (Orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento.** Rio de Janeiro. Fiocruz, 2002.

MISKOLCI, R. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, pp. 301-324, 2013.

MOREIRA, M. G.; HALLAL, D. R. As Viagens e as Experiências de Fronteira na Transgressão do Armário Gay. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 9, p. 133-155, 2017.

MUCHEMBLED, R. **O Orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do Século XVI.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.

NASCIMENTO, A. et al (Orgs.). **Genealogia Queer.** Salvador: Editora Devires, 2021.

NASCIMENTO, A. C. M. **Turismo GLS: a ABRAT GLS como forma de inclusão social para gays e lésbicas.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista, Rosana, SP, Brasil, 2009.

NEVES, C.S.B.; BRAMBATTI, L. E. O comportamento do turista LGBT com relação ao consumo em viagens de lazer. **Rosa dos Ventos**, v. 11, n. 4, p. 832-846, 2019.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, Amaral Luciano. **Turismo Pós-Moderno: O segmento LGBT no Brasil.** Mossoró /RN, 2016.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem.** Porto Alegre: L&PM, 2009.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996.

PAIXÃO, D. L. D. **Turismo hedonista: um segmento pós-moderno de viagens aliadas ao prazer.** Anais do V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, São Paulo, 2008.

PAIXÃO, D. L. D. Thermae et Ludus: O início do turismo de saúde no Brasil e no mundo. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 133-147, nov, 2007.

PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Cenários do turismo brasileiro.** São Paulo: Aleph, 2009.

PELAJA, M. SCARAFFIA, L. **Due in una carne: Chiesa esessualità e storia.**

Bari:Editora Laterza, 2008.

PEREIRA, R. Memórias do Terreiro da Goméia: entre sacralidade e dessacralização. **V!RUS**, São Carlos, n. 16, 2018. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus16/?sec=4&item=1&lang=en>.

PEREIRA, A.; SHITSUKA, D.; PARREIRA, F.; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grand do Sul, 2018.

PEREIRA, L. C. B.; SPINK, P. K. **Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N 1 Edições, 2014, 224 p.

PRITCHARD, A.; MORGAN, N. J. Privileging the male gaze: Gendered tourism landscapes. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 4, p. 884–905, 2000.

POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, APDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, APDOC, v.5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUEIROZ, T. C. N. **A construção da memória social: o discurso dos líderes popularesurbanos**. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu: 1996.

QUIJANO, A. **Colonialidad y modernidad/racionalidade em Perú Indígena (Lima)**, v. 13,n.29, 1992.

QUIJANO, A. “Raza’, ‘etnia’, ‘nación’ en Mariátegui: cuestiones abiertas” em **Forgues**, Roland (ed.), 1991.

RAIMUNDO, S. **Em busca da sustentabilidade perdida: lazer e turismo diante das desigualdades socioambientais**. Curitiba: Appris, 2019.

RODRIGUES, C. A. de L. **Os determinantes da atitude face aos bens de luxo: um estudo com o consumidor LGBT**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FEUC, 2013.

RODRIGUES, V. C. **De Homossexual a queer: o movimento LGBT e a construção de identidades**. Conferência Internacional de Estudos Queers, Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008.

SANTORO, F. **Arqueologia dos Prazeres**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

SANTOS, B. S. **Pelas Mãos de Alice – O social e o político na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, C. B. dos. As Festas Religiosas e a Demarcação do Tempo na Roma Antiga.

Revista Alétheia de Estudos sobre Antigüidade e Medievo, v.2, n. 2 Ago/Dez., 2010.

SANTOS, G. E. de O.; KADOTA, D. K. **Economia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2012.

SCARPIN, F. A. **Dois em uma carne: Igreja e sexualidade na história. História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 62, n. 1, p. 265-277, Editora UFPR: jan./jun. 2015.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHEIN, M.; PERIN M. G.; SAMPAIO, C. H.; UGALDE, M. M. O Comportamento da Compra de Serviços de Turismo na Terceira Idade. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, n. 11, v.3, p. 341-357, set./dez. 2009.

SCHIRMER, A. **“Saindo dos armários?” A análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise**, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2010.

SCHONS, A E. **Impacto do turismo LGBT na cidade de Foz do Iguaçu. CAD. Est. Pes.Tur. Curitiba**, v.6, n. 8, p. 35-55, jan/jun. 2017.

SEDWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, pp. 19-54, 2007.

SILVA, A. S. da. As cores memoriais (e distorcidas) da (in) diferença: com que cores se colore o passado no tempo presente da homofobia. **Bagoas**, v. 1, n. 1, 167-192, 2007.

SILVA, L. M. de O. **Os estudos feministas sobre “ideologia de gênero” no Brasil: Uma análise das produções científicas**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília: UNB, 2019.

SILVA, I. C. M.; SILVA, M. H.; SANTOS, M. L. Condições de trabalho em casa durante a pandemia: uma análise do discurso do sujeito coletivo dos trabalhadores do setor de agências de turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2021.

SOARES, J.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, I. Corpos dissidentes: Gênero e feminilidades no levantamento de peso. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 39, n. 3, jul/set, 2017.

SOUZA, H. M. R.; JACOB, W. F.; SOUZA, R. R. Turismo e qualidade de vida na terceira idade. Barueri, SP: Manole, **Revista de Turismo Contemporâneo - RTC**, Natal, v. 4, n.1,p.1-22, jan./jun. 2016.

SOLANO, E. **La Bolsonarización de Brasil, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos**. Universidad de Alcalá, Madrid, 2019.

SOUZA, H. M. R. **Turismo na Terceira Idade. Expectativas e Realidades**. Dissertação de Mestrado. ECA – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e**

concretizações das vivências cotidianas. Campinas: autores associados. 2017.

TÉBOUL, J. **A Era dos Serviços - Uma nova abordagem de gerenciamento.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

TOMAZZONI, E. L. **Coletânea de estudos turísticos.** ASSIS: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

TORDINO, C. A. **Formação em Administração em perspectiva: a graduação em Administração no Brasil no quarto de século.** 2009. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 2009, 409 p.

TORQUATO, G. **Tratado Organizacional e Política.** São Paulo, Editora Pioneira, 2002.

TREVISAN, J. S. Turismo e orientação sexual. In Ministério do Turismo do Brasil. **Turismo social. Diálogos do turismo: uma viagem de inclusão.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 2006, pp. 139-171.

TRIGO, L. G. G. Ascensão do prazer na sociedade atual: Turismo GLS. In. PANOSSO NETTO, A; ANSARAH, M. G. R.; CANTON, A. M. (Org.). **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas.** Barueri, SP: Manole, 2009, pp. 141-164.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo.** São Paulo: Aleph, 2011.

VEAL, J. A. Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e Transgêneros. **Bogoas**, v. 2, n. 2, 171-190, 2008, pp. 171-190.

WALLERSTEIN, I. M. **O Declínio do Poder Americano.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

ZELDIN, T. **Uma história íntima da humanidade.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

APÊNDICE A - ANUÊNCIA DA PESQUISA DA ONG ETERNAMENTE SOU

À ONG Eternamente Sou, Ilmo Sr/a. Luís Baron,

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “Turismo e a memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBTQIAP+”, a ser realizada no âmbito dos idosos assistidos, sob a orientação do Professor Dr. Edegar Tomazzoni, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Turismo EACH-USP.

A referida pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre memória e turismo, tendo como universo de observação idosos com faixa etária de 50 a 75 anos, LGBTQIAP+ participantes da ONG Eternamente Sou, e como elas refletem seus desejos por viagens e lazer.

A coleta de dados para a pesquisa será baseada na História Oral com a realização de entrevistas com os idosos selecionados pela ONG.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto acordo com os participantes preservando dados sensíveis conforme Lei LGPD Nº 13.853/19. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração de Vossa Senhoria agradecemos antecipadamente a atenção e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos necessários.

São Paulo, ___ de ___ de 2021.

Luís Baron
Presidente da ONG Eternamente SOU

() Autorizamos a realização da pesquisa () Não autorizamos a realização da pesquisa

Local e data Assinatura

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ELABORADO PARA O PÚBLICO IDOSO LGBT+

Turismo e a memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBT+, pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em turismo com orientação do Professor Dr. Edegar Luíz Tomazzoni. Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Turismo e a memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBT+,”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

O que é o projeto?

O projeto consiste em entrevistar pessoas LGBT+, sobre suas memórias de viagens e Turismo pela Metodologia da História Oral, que consiste na participação do pesquisador em escuta ativa para uma conversa gravada em áudio abordando o entrevistado sobre a temática do Turismo.

Qual é o objetivo do estudo?

O projeto visa contribuir para um estudo exploratório sobre as memórias dos idosos LGBT+, no Turismo. O estudo investiga as reais necessidades desses turistas, suas memórias e desejos quando falamos sobre viagens. Entre outras atividades pretendemos deixar registrada essas memórias para o campo do conhecimento científico e a quem possa se interessar.

Por que eu fui escolhido(a)?

A pesquisa tem o recorte de pessoas LGBT+, com faixa etária de 50 a 75 anos, que tragam uma diversidade de identidades de gênero e raça que sejam assistidos pela ONG Eternamente Sou e que estejam devidamente vacinados para Covid-19. Sua participação será em caráter voluntário conforme você escolha participar. Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto Turismo e a memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBT+, você receberá uma cópia assinada deste Registro para guardar e deverá assinar um termo de consentimento. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Consistirá em receber em sua casa, ou lugar acordado, previamente agendado, o pesquisador mestrando Adriano Nunes, que estará devidamente identificado, vacinado e testado pelo método Antígeno Pambio Abbott (nasal) e com todos cuidados preventivos para Covid-19, para uma conversa gravada em áudio que depois será transcrita para constar no texto de sua Dissertação.

O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?

Apenas desejo em participar e falar sobre suas memórias de viagens e Turismo. Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?

De acordo com as Resolução 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Desta forma, a presente pesquisa, terá exposição previamente autorizada por você em expor sua identidade e sexualidade poderá para alguns ser constrangedor tal exposição.

Quais são os possíveis benefícios de participar?

O maior benefício será sua contribuição por trazer a visibilidade a pessoas idosas LGBTQ+, no campo do conhecimento do Turismo, podendo influenciar futuras medidas de Políticas Públicas para a inclusão no mercado Turístico do Brasil.

O que acontece quando o estudo termina?

Após a conclusão do Estudo, cada participante receberá uma cópia do texto da Dissertação, este mesmo texto servirá para embasar possíveis projetos na ONG Eternamente Sou, para registro e criação do acervo da memória dos participantes.

E se algo der errado?

A pesquisa só será realizada com sua prévia autorização, podendo querer deixar de participar em qualquer momento, se assim o desejar, assim como determinar se pretende sigilo ou não sobre seu nome e imagem.

Contato para informações adicionais:

Dados do(a) pesquisador(a) responsável:

Adriano Carlos Nunes Fernandes matrícula USP: 11866104 Cel: (11) 098065-0601

Universidade de EACH- SÃO PAULO

Programa de Pós Graduação em Turismo – PPGTUR Tel: (11) 3091-8197

E-mail: atendimentopos-each@usp.br

Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao pesquisador. Você deve guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

– Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

– Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

– Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: _____ Assinatura do participante: __

Data: __/_____/_____

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para o pesquisador.

APÊNDICE C – MARCADORES PARA AS ENTREVISTAS DA PESQUISA

- Como foi a descoberta da sua sexualidade?
- Qual viagem lhe marcou mais?
- Como deseja viajar atualmente?